

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

CURSO DE LETRAS-TRADUÇÃO

**Tradução do conto *A Faixa Pintada* (*The Speckled Band*)
da obra *The Adventures of Sherlock Holmes***

Projeto Final do Curso de Tradução

Autora: Raquel Guimarães

Orientadora: Débora Cabral Lima

Brasília, novembro de 2011

À minha mãe, que sempre me apoiou em todos os projetos da minha vida; à minha orientadora, pelo seu tempo, dedicação e orientações prestadas; e ao Eduardo Ismael, cujo apoio foi fundamental na reta final deste trabalho acadêmico.

The process of translating comprises in its essence
the whole secret of human understanding of
the world and of social communication.

Hans Georg Gadamer

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1.1 Apresentação do tema e da obra	6
1.2 O autor	7
1.3 Justificativa e Objetivo	8
1.4 Metodologia	9
1.5 Modelo de descrição literária de Lambert e van Gorp	11
1.6 Estrutura do Trabalho	14
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	15
2.1 O Texto literário	16
2.2 Adoção da abordagem tradutória	16
2.3 Procedimentos técnicos de tradução	18
2.4 Notas do tradutor	21
TEXTO DE CHEGADA	24
RELATÓRIO DE TRADUÇÃO	53
4.1 Comentários sobre algumas escolhas tradutórias	53
4.2 Adição de termos no texto de chegada	55
4.3 Procedimentos Técnicos da Tradução	56
4.3.1 Tradução palavra por palavra	56
4.3.2 Tradução literal	57
4.3.3 Transposição	58
4.3.4 Modulação	58
4.3.5 Equivalência	61
4.3.6 Omissão	63
4.3.7 Explicitação	66
4.3.8 Transliteração	67
4.3.9 Reconstrução de períodos	68

CONSIDERAÇÕES FINAIS 70

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 72

ANEXOS

ANEXO A - Texto de Partida 72

ANEXO B - Mapa dos Condados do Reino Unido 72

INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do tema e da obra

Para a realização do presente Projeto Final de Tradução escolhi traduzir um dos contos do livro *The Adventures of Sherlock Holmes* escrito por **Sir Arthur Conan Doyle** (1859 – 1930), médico e escritor escocês nascido em Edimburgo. Este livro, que é uma coletânea de 12 contos sobre o detetive Sherlock Holmes, foi publicado pela primeira vez na Inglaterra em 14 de outubro de 1892, pela Editora George Newnes Ltd.

O primeiro e maior super-herói da literatura inglesa, Sherlock Holmes, ainda fascina leitores após mais de um centenário de sua criação pelo escritor Sir Arthur Conan Doyle. Em *The Adventures of Sherlock Holmes* – a primeira coletânea das estórias de Holmes – o detetive usa suas fantásticas (e por vezes estranhas) habilidades para salvar um filho inocente acusado de parricídio, capturar um engenhoso assaltante de banco, salvar um rei de chantagens, entre outras aventuras repletas de suspense.

O conto objeto do presente trabalho chama-se **A Faixa Pintada** (*The Speckled Band*), em algumas edições em inglês também intitulado *The Adventure of the Speckled Band*. Foi considerado pelo próprio autor uma das melhores estórias de seu personagem principal, o detetive Sherlock Holmes e é narrado pelo Doutor Watson, amigo e parceiro de investigações de Holmes. Nessa aventura Holmes – sempre acompanhado pelo Doutor Watson – investiga o misterioso caso de duas irmãs gêmeas e seu padrasto de temperamento colérico. Uma das irmãs, a jovem dama Helen Stoner, procura o detetive e pede para que ele investigue a morte de sua irmã Julia, a qual falecera dias antes do seu casamento. Na noite de sua morte, após horas de conversa entre as duas irmãs sobre o grande dia que estava por vir, Helen encontra Julia quase morta no corredor da casa onde moravam com seu padrasto, o Doutor Grimesby Roylott. As últimas palavras de Julia à irmã foram “*foi a faixa, a faixa pintada!*”¹, e é a partir deste relato que o detetive Holmes

¹ No original: *it was the band, the speckled band!*

começa a procurar pistas para descobrir quem foi o assassino de Julia, como ela foi morta e o porquê de sua morte.

Os leitores por sua vez, ao lerem essas aventuras de Sherlock Holmes, têm ótimas razões em acreditar que Holmes de alguma forma sempre triunfará em todos os seus casos, sempre assessorado pela “mais perfeita máquina de observação e raciocínio que o mundo já viu” – maneira como o Doutor Watson se autodenomina. Confrontado com casos que por vezes parecem óbvios demais, ou intrigantemente obscuros, Holmes utiliza seus conhecimentos enciclopédicos e poderes “sobrenaturais” de dedução para descobrir a verdade e solucionar os casos.

Esta obra já não possui direitos autorais e é facilmente encontrada em sites de domínio público. Além disso, também existem na Internet traduções livres da obra para o português, principalmente traduções de alguns contos avulsos.

Como a vida parece mesmo imitar a ficção, a imortal criação de Sir Arthur Conan Doyle continua a despertar o interesse de jovens e adultos, de tal forma que o seu endereço fictício – *221B, Baker Street* – abriga hoje o museu do ilustre detetive, e atrai visitantes do mundo inteiro.

1.2 O autor

Sir Arthur Conon Doyle nasceu em Edimburgo em 1859. Apesar de seu grande interesse em escrever desde jovem, Doyle se tornou médico para satisfazer o desejo de sua mãe.

Publicou um pequeno livro – *A Study in Scarlet* –, in 1887, no qual espelhou seu herói detetive em um professor de medicina que tinha a incrível habilidade em diagnosticar a doença de um paciente através da observação de perto e da dedução. Este livro foi pouco notado, mas vinte e quatro estórias mais tarde, ambos Doyle e Sherlock Holmes tornaram-se mundialmente conhecidos.

Um homem de espírito público, Doyle, por defender as políticas britânicas durante a Guerra Boer, entre outros esforços na defesa dos interesses de seu país, ganhou

em 1902 o título de nobreza do Império. Passou, então, a portar o soberbo título *Sir* antecedendo seu nome.

Apesar de ter sido ativista social, atleta, missionário e médico, essas outras conquistas foram ofuscadas pelo sucesso fenomenal das estórias de Sherlock Holmes. De fato, em dada época, Doyle chegou a matar o maior detetive de todos os tempos, mas foi forçado a “ressuscitá-lo” devido a um grande apelo popular. Assim, mesmo sendo menos entusiasmado com seu detetive fumante de cachimbo do que eram seus leitores, Doyle continuou a “nutri-los” com estórias de Holmes até 1927. No fim de sua vida, seu tempo foi tomado por sua grande paixão, o espiritualismo. Escreveu então, em 1926, a *History of Spiritualism*.

Sir Arthur Conon Doyle faleceu, célebre e rico, em 1930.

1.3 Justificativa e Objetivo

Assim como para vários outros leitores mundo afora, as estórias do lendário detetive Sherlock Holmes me geram fascínio desde a infância, quando tive meu primeiro contato com algumas de suas aventuras, como a Vampira de Sussex, A Ponte de Thor, entre outras; contos estes com traduções já disponíveis para o português na época. Anos mais tarde, em 2001, fui presenteada com a obra que serviu de fonte para o presente trabalho de tradução – *The Adventures of Sherlock Holmes* – e que está redigida no vernáculo de origem, o inglês.

A perspicácia de Holmes em solucionar casos considerados inexplicáveis, usando a observação e a dedução como ferramentas principais, é algo que fascina públicos de diferentes idades, culturas e épocas. Tal fascínio foi (e ainda é) tão grande entre as pessoas que fez de Sherlock Homes um dos heróis de romances policiais mais conhecidos da literatura inglesa e mundial, tornando célebre a frase que ele sempre proferia ao solucionar um caso: “É elementar meu caro Watson!”.

Entretanto, além do meu interesse pessoal pela referida obra policial, meu principal motivo para a sua escolha foram os desafios de tradução exemplares encontrados

nesse texto literário e a conseqüente proposta de apresentar uma tradução destinada ao público brasileiro.

O escritor Arthur Conan Doyle se insere no contexto histórico e cultural inglês do fim do século XIX e início do século XX; portanto, suas obras contêm diversos elementos específicos de tal época e região, os quais podem gerar dificuldades na compreensão por parte dos leitores brasileiros.

A transmissão desses elementos do conto selecionado para o público brasileiro requer do tradutor uma prévia pesquisa de linguagem, de costumes e de referências regionais de onde a estória se desenvolve. A obtenção de tais conhecimentos é indispensável para situar o leitor com relação a referências culturais como aspectos e indicações geográficas, importância de nomes de famílias, itens de vestuário, mobília, materiais, animais exóticos, entre outros.

Ainda quanto à questão da linguagem de época, o tradutor também se depara com o dilema entre adaptar essa linguagem para o presente sócio-cultural da língua de chegada, ou reproduzi-la utilizando uma linguagem de época do idioma português. Tal dilema, segundo Toury (1995), é representado pelo contraste entre *aceitabilidade* e *adequação*, ou seja, o tradutor pode se concentrar mais nas normas linguísticas e culturais características da língua de chegada (aceitabilidade) ou da língua de partida (adequação)

Outro desafio de tradução diz respeito às diferenças de estruturas sintático-lexicais, semântica e estilísticas presentes nas línguas de partida e de chegada.

Em suma, considerando os desafios de tradução citados, o principal objetivo desse trabalho é propor uma tradução mais fluente e equivalente possível da referida obra, procurando aproximar ao máximo o leitor moderno à experiência de uma literatura inglesa de época, o qual, assim, poderá desfrutar de uma experiência literária de outra cultura.

1.4. Metodologia

Como ponto de partida para a realização deste trabalho acadêmico selecionei o conto a ser traduzido, o li por completo, sem me preocupar em sanar dúvidas quanto ao

significado de termos e expressões desconhecidos; e, em seguida, fiz um levantamento bibliográfico de traduções existentes desse conto. Não encontrei nenhuma tradução a contento no que diz respeito à fluidez do texto e às opções tradutórias para os diversos termos e expressões com fundos culturais e históricos presentes na obra. Esse fato me motivou ainda mais a realizar uma tradução fidedigna e ao mesmo tempo “adaptada” ao contexto sócio-cultural brasileiro atual.

O passo seguinte no processo tradutório foi uma leitura mais detalhada do conto, onde separei todos os termos e expressões que gerariam maiores pesquisas principalmente pelo fato de fazerem parte de outro contexto histórico e sócio-cultural, e também por estarem em desuso pelo falante da atualidade. Como exemplos de tais termos presentes no conto, selecionei: nomes de cidades e regiões, nomes de família, nomes de animais exóticos e nomes de plantas, além de itens de vestuário e de mobília.

Após os levantamentos dos termos supracitados, comecei a tradução de fato do conto. Optei por conduzir a pesquisa detalhada com relação a esses termos no desenvolver da tradução do texto, visto que alguns deles se repetem em momentos distintos. Achei que procedendo dessa forma o meu trabalho fluiria mais. Nesta etapa também grifei os termos e expressões que serviriam de exemplos para o relatório de tradução.

Realizei as pesquisas dos termos e expressões desconhecidos e/ou que geraram maiores dúvidas quanto às opções de traduções em:

- Dicionários bilíngües (inglês-português/português-inglês): MICHAELIS – Moderno Dicionário Inglês & Português;
- Dicionários monolíngües (dos idiomas inglês e português): COLLINS COBUILD – *Advanced Learner’s English Dictionary*, CHAMBER-MARTINS FONTES – *Essential English Dictionary*, OXFORD – *Advanced Learner’s Dictionary of Current English*, e Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa;
- Dicionários eletrônicos monolíngües: CAMBRIDGE – *Advanced Learner’s Dictionary* e OXFORD *Learner’s Thesaurus*.
- Dicionários ilustrados: *The Oxford Picture Dictionary* e Google imagens. Estes recursos me ajudaram a sanar dúvidas quanto a itens de mobília e animais exóticos;

- *Sites* da Internet: vide referências bibliográficas
- Textos paralelos

Finalizada a tradução do conto, reli todo o texto duas vezes para sanar alguns problemas de tradução ainda remanescentes, além de possíveis erros gramaticais, de ortografia e de digitação.

Por fim, iniciei a elaboração do Relatório de Tradução utilizando as expressões que eu havia grifado durante a fase de tradução, além de outros aspectos relevantes quanto a problemas de tradução.

1.5 Modelo de descrição literária de Lambert e van Gorp

O esquema teórico de descrição de traduções literárias de Lambert e Van Gorp (1985, p. 52-53) fundamentou a minha análise durante o processo tradutório. Esse esquema, que é composto por quatro estágios (dados preliminares, macroestrutura, microestrutura e contexto sistêmico), possibilita uma análise gradativa em que cada estágio prévio prepara o caminho com os dados obtidos para seu estágio subsequente. Cada um desses estágios contempla principalmente o texto de chegada (ênfase no produto), mas também o texto de partida.

Para fins do presente trabalho acadêmico esse modelo de descrição literária, esquematizado a seguir, serve para esboçar os principais aspectos intrínsecos e extrínsecos da obra objeto da tradução.

1) Dados Preliminares:

- **Título do livro:** *The Adventures of Sherlock Holmes* publicado pela primeira vez na Inglaterra em 14 de outubro de 1892 pela editora George Newnes Ltd.
- **Nome do autor:** Sir Arthur Conan Doyle

- **Presença ou ausência de metatextos:** No livro publicado pela editora Barnes & Noble Classics em 1995, que foi a publicação do texto original que escolhi para traduzir, não há prefácio, posfácio e nem notas de rodapé. Entretanto, nas orelhas do livro pode-se encontrar uma crítica positiva a respeito da obra e uma breve biografia sobre o autor (ambas sem informações sobre quem as escreveu).

- **Direitos autorais:** A editora Barnes & Noble possui direitos autorais. Entretanto, como já se passaram mais de 80 anos da morte do autor, suas obras estão disponíveis em formato eletrônico.

2) Nível Macro-textual (ou Macroestrutura)

- **Divisão da obra:** O livro é dividido em 13 capítulos, sendo o primeiro deles uma introdução escrita por Eric Ambler em 1974. Os demais capítulos são 12 contos diferentes, sendo que o conto escolhido para este trabalho foi o 9º capítulo (*The Speckled Band*).

- **Nome dos capítulos/contos:**

- *Introduction by Eric Ambler; A Scandal in Bohemia; The Red-Headed League; A Case of Identity; The Boscombe Valley Mystery; The Five Orange Pips; The Man with the Twisted Lip; The Blue Carbuncle; The Speckled Band; The Engineer's Thumb; The Noble Bachelor; The Beryl Coronet; The Copper Beeches.*

- **Relação entre os tipos de narrativa, diálogos, descrições:** O conto traduzido (*The Speckled band*) foi narrado em primeira pessoa, possui muitos diálogos e é bastante descritivo.

- **Estrutura interna da narrativa (enredo) – Conto *The Speckled Band*:** Apresentei o enredo desse conto no item 1.1 Apresentação do tema e da obra deste trabalho.

- **Final em aberto ou não?** O final do conto não ficou em aberto. O detetive Sherlock Holmes, como de costume, descobre todo o mistério envolvendo a morte de Julia.

- **Intriga dramática:** No início da estória há a exposição do problema ou tema principal da estória. O clímax acontece quando o detetive descobre o que queriam

dizer as palavras “a faixa pintada”² que Julia, irmã gêmea de Helen, proferiu ao morrer. Não há epílogo algum na obra.

3) Nível Micro-textual (ou Microestrutura):

- **Micro-sintática, léxico-semântica, estilística:** Os contos possuem estruturas léxico-sintáticas e semânticas relativamente simples, sendo que em alguns casos específicos foi necessário fazer uso da *modulação* – reprodução da mensagem do texto original para o texto traduzido sob um ponto de vista diverso – ou conduzir uma pesquisa mais detalhada. O texto dos contos é um romance policial contado em forma de prosa, com muitos diálogos formais e alguns informais. O autor se baseia na observação e no método da dedução para dar mais realidade aos fatos descobertos pelo personagem principal.

- **Seleção de palavras:** O conto apresenta uma mescla de palavras simples e complexas e, devido à época em que foi originalmente escrito, há também algumas palavras que caíram em desuso.

- **Formas de reprodução do discurso:** Na maior parte do conto, se usa o discurso direto.

- **Narrativa, perspectiva e ponto de vista:** A narrativa foi realizada em 1ª pessoa, sob a perspectiva e ponto de vista de Watson, o parceiro de Sherlock Holmes.

- **Nível de linguagem:** Não há registros de dialetos e de regionalismos, e há pouca presença de jargões e de gírias.

4) Contexto Sistêmico:

The Speckled Band foi inicialmente publicado em fevereiro de 1892 na revista Strand Magazine, uma revista de grande circulação no Reino Unido entre a última década do século XIX e meados do século XX. Isso fez com que os contos sobre Sherlock Holmes fossem bastante difundidos e conhecidos pelo público em geral. Como foi dito anteriormente, este conto foi escrito em gênero narrativo, de forma que prendesse a atenção do leitor através de uma temática policial e investigativa.

² No original: *the speckled band*

Foram feitas algumas adaptações deste conto para o público infanto-juvenil e, baseado no mesmo, o autor escreveu uma peça de teatro (apresentada pela primeira vez no *Adelphi Theatre* em Londres, no ano de 1910), Além disso, já foram realizadas duas adaptações para o cinema: uma de 1923 e outra de 1931.

1.6 Estrutura do trabalho

O presente trabalho está dividido em:

1. Introdução: engloba a apresentação do tema, da obra traduzida e do autor, seguida da justificativa, objetivo e metodologia, e do Modelo teórico de descrição literária de Lambert e van Gorp;
2. Considerações Teóricas: reflito sobre os aspectos teóricos e estratégicos do processo tradutório literário que considere mais relevantes em vista da obra selecionada;
3. Texto de Chegada: apresento o conto traduzido para o português.
4. Relatório de Tradução: comento e justifico algumas escolhas tradutórias;
5. Considerações Finais: resalto os principais aspectos do trabalho e resumo a minha experiência com esse projeto de tradução.
6. Anexos: apresento o Texto de Partida e uma ilustração pertinente à estória traduzida.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O processo tradutório é constituído por diferentes aspectos, dentre os quais, considero especialmente útil destacar: os textos de partida e de chegada, o tradutor, a atitude geral e objetivo do tradutor ao realizar a tradução e a abordagem teórica adotada que definirá os procedimentos técnicos utilizados. Para fins do presente trabalho, organizei os referidos aspectos teóricos da seguinte maneira:

- a) o texto literário;
- b) adoção da abordagem tradutória;
- c) procedimentos técnicos de tradução;
- d) notas do tradutor.

2.1 O texto literário

O conto *A Faixa Pintada* é identificado como um texto literário. Textos literários são aqueles cuja linguagem, normalmente rica em aspectos estéticos e estilísticos, é caracterizada sobretudo pela plurissignificação e muitas vezes pelo sentido conotativo de vários termos e expressões, ou seja, a linguagem literária é utilizada muitas vezes com um sentido diferente daquele que lhe é comum. Pode-se citar como exemplos de textos literários o conto, o poema, o romance, peças de teatro, novelas, crônicas, entre outros. Assim, a linguagem literária se distingue da linguagem não literária principalmente por esta ser uma linguagem utilizada com o seu sentido comum, isto é, empregada denotativamente; é a linguagem dos textos informativos, jornalísticos, científicos, receitas culinárias, manuais de instrução etc.

O texto literário não tem o compromisso de tratar fielmente de um assunto ou um problema concreto da realidade exterior. Ele retrata na verdade a expressão da realidade interior e subjetiva de seu autor. São textos escritos para entreter, emocionar e sensibilizar o leitor; por isso muitas vezes utilizam a linguagem poética. Esse tipo de texto

cria uma história totalmente ou parcialmente fictícia a partir de dados da realidade. A função emotiva e a poética predominam no texto literário, ao passo que a função referencial é aquela que predomina nos textos não-literários.

Para fins do presente trabalho, parti da hipótese de que o tipo do texto traduzido sugere o predomínio de determinadas abordagens tradutórias (Camargo, 2007). Apesar da distinção entre tradução literária e outros tipos de tradução ser passível de debate (Camargo, 2007), categorizei a tarefa em mãos como tradução literária. Mantive em mente, entretanto, que “os tipos textuais são instáveis, constituem formas híbridas e sofrem a influencia de inúmeras variáveis e que, portanto, não é possível estabelecer tipologias estanques e mutuamente excludentes” (Azenha Jr. 1997, 1999 apud Camargo, 2007 p.47), ocorrendo apenas preponderância de um tipo sobre outros eventualmente presentes no texto. É razoável pressupor, por exemplo, que um conto policial conte com terminologia técnica de áreas como psicologia e medicina legal, que seriam, nesse caso, terminologias típicas de textos técnico-científicos.

2.2 Adoção da abordagem tradutória

Há vários fatores que influenciam a tradução literária e, portanto, devem ser levados em consideração, como, por exemplo, o uso da *estrangeirização*, da *aceitabilidade*, da *adequação*, de paratextos etc. Nesta parte do trabalho faço uma conceituação geral de cada um desses fatores e discuto a interferência que provocam no processo tradutório.

De acordo Campos (2009, apud Abreu, p. 1546), a *estrangeirização* “privilegia o contexto fonte, ou seja, o leitor é levado até o texto pela manutenção de características linguístico-culturais do texto-fonte”. No processo tradutório do presente trabalho fiz uso da *estrangeirização* quando da ocorrência de nomes próprios, assim, privilegiei a estrutura linguística do idioma de origem ao transcrever para o texto de chegada os nomes de pessoas e de localidades geográficas encontrados no texto de partida.

A utilização de paratextos, por sua vez, é geralmente indispensável no sistema literário, pois eles “funcionam como uma espécie de preparação e guia de leitura que chama a atenção do público para aspectos que o autor, ou o tradutor, acham relevantes” (Martins, 1999, p.193). Portanto, é um recurso que deve ser utilizado, mas com moderação. Caso contrário, pode afetar a “recepção” do público alvo.

Outro fator importante que deve ser levado em consideração ao se traduzir é a priorização da *aceitabilidade* ou da *adequação*. Segundo Toury (1995), o tradutor pode se concentrar mais nas normas linguísticas e culturais características da língua fonte (*adequação*) ou da língua meta (*aceitabilidade*).

Identificados o tipo textual e algumas de suas características mais relevantes como orientadores durante o processo tradutório, procurei adotar uma abordagem tradutória compatível com o texto de origem. Optei, assim, pela tradução assimilativa (Aubert 1995). Essa orientação procura harmonizar o texto traduzido ao espaço comunicativo do receptor, procedendo a um *mascaramento da alteridade* (Camargo, 2007), isto é, a uma familiarização da cultura e conteúdo do texto de origem, empregando os aspectos linguísticos e culturais do idioma de chegada. Em suma, priorizei o procedimento da *aceitabilidade* no presente projeto de tradução.

Segundo Diva Cardoso de Camargo (2007), a tradução assimilativa privilegia os procedimentos técnicos de *transposição* – mudança de categoria gramatical – e *modulação* – mudança de ponto de vista, ou de foco, na expressão da mensagem. Há, ainda, a tendência à “naturalização” de referências básicas, harmonizadas aos “usos e costumes linguístico-culturais de chegada” (Aubert 1995 apud Camargo, 2007 p. 49).

Ainda relacionando tipo textual e procedimento tradutório, Diva Cardoso de Camargo (2007) sugere que o constante uso da *modulação* na tradução literária indicaria uma tendência, entre os tradutores do ramo, em privilegiar o plano da mensagem. Na prática, isso implicaria que a tradução literária estaria “mais próxima da significação do que do significado”, e que o texto literário oferece maior abertura a reelaborações e à criatividade do tradutor (Camargo, 2007 p. 50).

Por fim, é relevante mencionar que a adoção de um determinado procedimento tradutório não exclui a possibilidade de utilização de outros procedimentos em um mesmo trabalho de tradução, ou seja, ao fazer uso da *aceitabilidade*, *por exemplo*, o tradutor não

se encontra impedido de empregar também a *adequação* ou a *estrangeirização*. Dessa forma, mesmo quando dois ou mais procedimentos são conceitualmente antagônicos, eles podem ser aplicados em uma mesma obra de tradução.

2.3 Procedimentos técnicos de tradução

Os procedimentos técnicos da tradução são tentativas de responder à pergunta “como traduzir?”. Segundo Heloisa Gonçalves Barbosa (2004), são as funções da linguagem encontradas no texto a se traduzir, o tipo textual e a finalidade da tradução que devem orientar a seleção de procedimentos por parte do tradutor. Utilizo, no presente trabalho, a nomenclatura adotada pela referida autora em uma tentativa de formular uma referência unificada dos procedimentos encontrados na obra de diferentes teóricos (Barbosa, 2004).

Dessa forma, conceituo a seguir os procedimentos técnicos tradutórios descritos de Heloísa G. Barbosa (2004) em sua obra *Procedimentos Técnicos da tradução: uma nova proposta*, mais especificamente no *Capítulo 2 – Modelos de Tradução* e no *Capítulo 3 – Proposta de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução*. Esses capítulos apresentam, descrevem e exemplificam, dentre outros, os seguintes procedimentos a seguir:

1) **Tradução palavra-por-palavra**: “É a tradução em que determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso na língua traduzida, mantendo-se as mesmas categorias em uma mesma ordem sintática, e usando vocábulos cuja semântica seja (aproximadamente) idêntica ao dos vocábulos correspondentes no texto original. Seu uso é restrito, porém, pois é rara uma convergência tão grande entre duas línguas”. (Aubert, 1998 apud Barbosa, 2004 p. 64). Exemplo:

He wrote a letter to the mayor → *Ele escreveu uma carta para o prefeito*

2) **Tradução literal**: ocorre ao se manter uma fidelidade semântica escrita, adequando, porém a morfossintaxe às normas gramaticais da língua traduzida. “São essas

alterações morfosintáticas que distiguem a tradução palavra-por-palavra da tradução literal”. (Aubert, 1998 apud Barbosa, 2004 p. 65). Exemplos.:

He has gone to the village → (Ele) foi à vila.

Elle est allée en ville → (Ela) foi à cidade

3) Transposição: consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir. A transposição pode ser obrigatória, quando é imprescindível que a tradução se atenha às normas da língua de chegada, ou facultativa, quando é realizada por razões de estilo, como para se evitar o excesso de advérbios com sufixo *mente*, na tradução do inglês para o português, considerado deselegante e que constitui uma recomendação expressa de editores brasileiros (Barbosa, 2004 p. 67). Exemplos:

She said apologetically (advérbio) → (Ela) disse desculpando-se (verbo reflexivo)

→ (Ela) disse como justificava (adjunto adverbial)

She said reproachfully (advérbio) → (Ela) disse repreensivamente (advérbio)

→ (Ela) disse censurando (verbo)

→ (Ela) disse em tom de reprovação (adjunto adverbial)

4) Modulação: consiste em reproduzir a mensagem do texto original no texto traduzido, mas sob um ponto de vista diverso, o que reflete uma diferença no modo como as línguas interpretaram a experiência real. Em outras palavras, há uma mudança de ponto de vista, ou de foco, na expressão da mensagem em cada uma das línguas envolvidas na tradução, ou ainda, há um “abandono da *tradução literal* para preservar o sentido da mensagem” (Barbosa, 2004, p. 28-29). A modulação pode ser obrigatória (encontrando-se dicionarizado o termo traduzido), ou facultativa.

Exemplos de modulação obrigatória:

keyhole → buraco da fechadura

the back of my hand → a palma da minha mão

Exemplos de modulação facultativa:

It is easy to demonstrate → *É fácil demonstrar (tradução literal)*
 → *Não é difícil demonstrar (modulação)*

5) Equivalência: consiste em substituir um segmento do texto original por um outro segmento do texto traduzido que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente. Em outras palavras, este procedimento é utilizado em situações onde duas línguas em confronto (língua fonte e língua meta) explicam uma mesma situação através de meios estilísticos e estruturais totalmente diversos. Assim sendo, é normalmente aplicado a clichês, expressões idiomática, provérbios, ditos populares, interjeições, onomatopéias e outros elementos cristalizados da língua.

Exemplos:

God bless you! → *Saúde!*

Sincerely yours → *Atenciosamente*

It's a piece of cake → *É sopa OU É mamão com açúcar*

6) Omissão: consiste em omitir elementos do texto original que, do ponto de vista da língua do texto traduzido, são desnecessários ou excessivamente repetitivos. Como por exemplo, a eliminação de pronomes pessoais, para evitar repetições, na tradução de segmentos do inglês para o português; a eliminação de palavras ou expressões por gerarem redundância no texto traduzido ou serem desnecessárias para a compreensão de um determinado trecho. Exemplo:

They said that they would not travel → *Disseram que não viajariam*

7) Explicitação: procedimento inverso ao da omissão, ou seja, elementos não presentes no texto original são acrescentados ao texto traduzido, como ocorre, por exemplo, com os pronomes, cuja presença é obrigatória no inglês, e nem sempre no português.

Exemplo:

Disseram que não viajariam → *They said that they would not travel*

8) **Transliteração**: consiste no procedimento em que uma conversão gráfica encontrada no texto original é substituída por outra no texto traduzido, como por exemplo, a substituição de ponto de interrogação por ponto de exclamação, ou ponto e vírgula por ponto final, ou ainda travessão por ponto e vírgula, entre outros. Também poderá ser a conversão de um alfabeto para outro, por exemplo, a transliteração do alfabeto cirílico para o romano.

9) **Reconstrução de períodos**: consiste em redividir ou reagrupar os períodos e orações do texto original ao passá-los para o texto traduzido. Na tradução do português para o inglês é muitas vezes necessário distribuir as orações complexas em períodos mais curtos em inglês. Na tradução do português para o inglês ocorre o inverso.

2.4 Notas do tradutor

Teço nesta seção do trabalho algumas ponderações sobre o papel das notas do tradutor em uma obra de tradução e sobre a controvérsia no que diz respeito a *quando* e *como* notas explicativas devem ser redigidas e *o quê* elas devem abranger.

O tradutor, por ser o primeiro leitor ou pré-leitor do texto original e, conseqüentemente, o meio de acesso do mesmo ao leitor que não domina o idioma em que foi escrito o original, tem grande autoridade sobre o texto que traduz, o que o torna um guia explícito do ato lúdico de leitura (Lyra, 1998, p. 73). Tal autoridade lhe dá poderes para acrescentar, alterar e omitir informações constantes em uma obra por ele traduzida. Tais alterações podem ser bem vindas ou não por parte dos leitores, ou ainda podem nem se quer serem percebidas, visto que o leitor supostamente não teve acesso ao texto original.

Essa autoridade do tradutor está implícita para o leitor consciente de estar lendo uma tradução; todavia, ela passa despercebida para aquele que apenas inconscientemente registra a existência de uma intermediação – o próprio tradutor.

Segundo Regina Maria Tavares de Lyra (1998, p. 76), o texto traduzido, na opinião da maioria, deve acalentar a ilusão do leitor de estar lendo o autor original e de que, naquele momento, sua relação com ele é de igual para igual, sem intermediários.

Dessa forma, o tradutor deve ser invisível no processo tradutório. Em outras palavras, ele não deve contar a história deixando a marca de sua presença, o que o impediria de ficar à margem do processo como um todo, que deveria ser na realidade o seu local de permanência do início ao fim do seu trabalho.

Em vista do pensamento acima surge a divergência sobre quando as notas explicativas são indispensáveis ou não, como elas devem ser redigidas e ainda que tipo de informação deve ser acrescida. O bom senso indica que as notas explicativas (*e.g* notas de rodapé) devem ser concisas, de modo a afastar o leitor o mínimo possível da leitura do texto principal, objetiva e, principalmente, destinadas a informar o leitor sobre o texto e não sobre os conhecimentos do tradutor ou seu esforço de pesquisa (Lyra, 1998, p. 81). Entretanto, permanece ainda a seguinte questão: aquilo que é considerado essencialmente indispensável, e, portanto, objeto de uma nota explicativa para certo tradutor, poderá não o ser para outro, ou para editores e até mesmo para os leitores. Para alguns tradutores as notas explicativas são essenciais quando há falta de equivalência cultural entre os textos de partida e de chegada; para outros, ela o é quando a falta de equivalência é lexical.

Por fim, uma questão ainda pouco debatida e estudada no campo da teoria da tradução, as notas explicativas são muitas vezes mal vistas por editores, ou por leitores, o que as tornam objeto de dúvida por parte do tradutor (Lyra, 1998 p. 74).

No caso da tradução do conto *A Faixa Pintada* – objeto deste trabalho em específico, julguei que o uso de notas explicativas foi essencial à melhor compreensão e contextualização do leitor para com a estória, principalmente pela mesma se passar em uma época e costumes bem distintos daqueles do leitor brasileiro. Assim sendo, optei por acrescentar, sempre que se fez necessário, breves explicações ou definições de alguns trechos cuja informação poderia ser desconhecida ou incompreensível por parte do leitor, como por exemplo, nomes de cidades e lugares (verídicos e fictícios), e alguns termos de cunho cultural e histórico.

Além de notas explicativas, outra ferramenta que utilizei na minha adaptação do conto ao público-alvo brasileiro, foi a inclusão de algumas imagens ilustrativas com a finalidade de uma melhor compreensão por parte do leitor brasileiro quanto a aspectos como: itens do vestuário e mobília, descrição física dos personagens, animais exóticos, transporte e objetos em geral.

A obra *Reading Images: the Grammar of visual design*, com co-autoria de Gunther Kress e Theo van Leeuwen (1996), apresenta fundamentos teóricos e práticos sobre a inclusão de imagens (textos não-verbais) em textos verbais e guia a análise e o uso dessas imagens. “Assim como gramáticas de língua descrevem como as palavras se combinam nas frases, sentenças e textos, nossa gramática visual descreve o modo como elementos retratados – pessoas, lugares e coisas – se fundem em ‘declarações’ ou ‘afirmações visuais’ de maior ou menor grau de complexidade e extensão”³ (Kress e van Leeuwen, 1996 p. 18). Ressalta-se aqui o fato de existirem distintas maneiras através das quais uma imagem pode representar as relações entre pessoas, lugares e coisas que ela retrata, além da complexa relação que pode existir entre as imagens e seus observadores. Uma dada imagem poderá conter inúmeras relações representacionais e interativas. Além disso, “os modos semióticos da comunicação escrita e da comunicação visual têm cada qual maneiras particulares de realizar aquilo que pode ter relações semânticas bastantes similares”. (Kress e van Leeuwen, 1996 p. 63).

³ Tradução própria

TEXTO DE CHEGADA

A Faixa Pintada

Ao dar uma olhada em minhas anotações dos setentas casos curiosos sobre os quais, nos últimos oito anos, estudei os métodos de meu amigo Sherlock Holmes, considero que muitos foram trágicos, alguns cômicos e um grande número de casos simplesmente estranhos, mas nenhum **trivial**, pois, trabalhando como ele fazia, mais por amor à sua arte do que para o enriquecimento, se recusava a se associar a qualquer investigação que não levasse ao incomum e até mesmo ao fantástico. De todos esses diferentes casos não consigo, no entanto, me lembrar de nenhum que apresentasse características mais singulares do que aquele associado à conhecida família dos Royslotts de *Stoke Moran*, em *Surrey*⁴. Os acontecimentos em questão ocorreram no início da minha associação com Holmes, quando morávamos juntos, enquanto solteiros, em Baker Street. Eu poderia tê-los contado antes, se não fosse pela promessa de mantê-los em segredo que eu fizera na época, da qual só me vi livre no mês passado com a inesperada morte da mulher a quem eu havia prometido segredo. Talvez seja oportuno que os fatos se tornem conhecidos agora, pois tenho razões para crer que há rumores por toda a parte a respeito da morte do Doutor Grimesby Royslott, os quais tendem a tornar a questão ainda mais terrível do que é na verdade.

Foi no início de abril do ano de 1883, quando acordei uma manhã e encontrei Sherlock Holmes em pé, completamente vestido, ao lado da minha cama. Normalmente ele se levantava tarde e, como o relógio sobre a lareira marcava apenas sete e quinze, olhei-o com alguma surpresa, e talvez apenas com um pouco de ressentimento, pois eu era sempre **metódico** com meus hábitos.

– Sinto muito acordá-lo, Watson – disse ele – Mas é o que está acontecendo com todos esta manhã. A senhorita Hudson fora acordada cedo, me acordou, e eu faço o mesmo com você.

– O que é então? Um incêndio?

⁴ *Stoke Moren* é um nome fictício de cidade situada na fronteira oeste do condado de *Surrey* (vide mapa – ANEXO B), na Inglaterra. Nesse mesmo local existe na realidade a cidade chamada *Stoke D'Aberton*.

– Não, um cliente. Parece que chegou há pouco uma jovem **muitíssimo nervosa**, que insiste em me ver. Ela está esperando agora na sala de estar. **Ao meu ver**, quando moças de família perambulam pela cidade a esta hora da manhã, e tiram as pessoas da cama, presumo que seja algo muito urgente que tenham a comunicar. Se provar ser um caso interessante, estou certo de que você gostaria de segui-lo desde o princípio. Então pensei que deveria chamar-lhe para lhe dar essa oportunidade.

– Meu caro amigo, eu não perderia isso por nada.

Para mim não havia prazer maior que acompanhar Holmes em suas investigações profissionais e admirar suas rápidas deduções tão velozes quanto suas intuições, e, no entanto, sempre baseadas em fundamentos lógicos com os quais ele desvendava os problemas que lhe eram submetidos. Vesti-me rapidamente e em poucos minutos estava pronto para acompanhar meu amigo até a sala de estar. Uma dama vestida de preto e com o **rosto coberto por um véu espesso**, sentada à janela, levantou-se quando chegamos.

– Bom dia, senhora – disse Holmes alegremente. – Meu nome é Sherlock Holmes. Este é meu amigo íntimo e associado, Doutor Watson, **perante o qual poderá falar tão francamente como se falasse diante da minha pessoa** – Ah! Estou contente de ver que a senhora Hudson teve o bom senso de **acender a lareira**. Por favor, sente-se próximo a ela. Vou mandar vir uma xícara de café quente, pois vejo que a senhorita está tremendo.

– Não é o frio que me faz tremer, disse a mulher em voz baixa, mudando de assento conforme fora solicitado.

– O que é então?

– É medo, senhor Holmes. É terror.

Levantou o véu enquanto falava, e pudemos ver que realmente encontrava-se em um lamentável estado de agitação, com o rosto **pálido** e os olhos assustados e inquietos, como os de um animal **encurralado**. Suas feições e traços eram de uma mulher de uns trinta anos, mas já tinha alguns cabelos **prematuramente grisalhos**, além de uma expressão cansada e abatida. Sherlock



Holmes a analisou com um de seus olhares rápidos, porém bem abrangentes.

– Não tenha medo, disse suavemente, inclinando-se à frente e tocando seu braço.

– Logo resolveremos seu problema, não tenho dúvida. Vejo que veio de trem esta manhã.

– Então o senhor me conhece?

– Não, mas notei o bilhete de regresso na palma de sua luva esquerda. Deve ter partido cedo, e andou bastante tempo em uma **charrete**, por estradas de terra, até chegar à estação.

A jovem ficou atônita e olhou com espanto para meu companheiro.

– Não há nenhum mistério nisso, minha senhora – disse ele, sorrindo. – A manga esquerda do seu casaco está respingada de lama em nada menos que sete lugares. As manchas estão bem frescas. Em nenhum outro veículo, além de uma charrete, é possível se sujar de lama dessa maneira, e assim mesmo só quando se senta à esquerda do condutor.

– Quaisquer que sejam suas razões, o senhor está completamente certo – disse ela. – Saí de casa antes das seis, cheguei à *Leatherhead*⁵ às seis e vinte, e peguei o primeiro trem para *Waterloo*⁶. Senhor Holmes, eu não posso suportar mais tanta tensão nervosa, e se continuar, vou enlouquecer. Não tenho a quem recorrer; ninguém, exceto uma única pessoa, que se preocupa comigo; e ele, pobre coitado, **não pode fazer quase nada por mim**. Ouvi falar do senhor, senhor Holmes, por intermédio da senhora Farintosh, quem o senhor ajudou numa ocasião em que ela mais precisava de auxílio. Foi com ela que obtive o seu endereço. Ó senhor Holmes, **será que o senhor poderia** me ajudar também, ao menos clareando um pouco a profunda escuridão que me cerca? No momento não tenho condições de recompensá-lo pelos seus serviços, mas vou me casar dentro de um ou dois meses, quando passarei a ter o controle da minha própria renda e, então, pelo menos o senhor poderá ver que não sou ingrata.

Holmes virou-se para sua escrivania, destrancou-a, tirou uma pequena **caderneta que utilizava para anotar seus casos** e consultou-a.

– Farintosh – disse ele. – Ah, sim, lembro-me desse caso. Foi a respeito de uma

⁵ Cidade situada no Condado de *Surrey*, Inglaterra, próxima ao Rio Mole.

⁶ Maior terminal ferroviário da Grã-Bretânia e estação central do metrô londrino.

tiara de opala. Acho que ocorreu antes de seu tempo comigo, Watson. Só tenho a dizer, senhorita, que será um prazer dar ao seu caso a mesma atenção que dei ao caso de sua amiga. Quanto ao pagamento, minha profissão é por si só a recompensa; no entanto, a senhorita tem a liberdade de me reembolsar pelas despesas que eu venha a ter, no momento que melhor lhe convier. E agora, peço que nos conte tudo que possa nos ajudar a formar uma opinião sobre o assunto.

– **Meu Deus!** – respondeu a nossa visitante, – O grande horror da minha situação está no fato de meus temores serem tão vagos e minhas suspeitas dependerem inteiramente de detalhes tão pequenos, que podem parecer banais para os outros, e até mesmo a pessoa de quem, dentre todas as outras, tenho o direito de procurar ajuda e aconselhamento, considera tudo que lhe conto meras fantasias de uma mulher nervosa. Ele não o diz, mas posso sentir quando me dá respostas calmas e desvia o olhar. Contudo, ouvi dizer, senhor Holmes, que o senhor pode ver profundamente as diversas maldades do coração humano. O senhor talvez possa me aconselhar a enfrentar os perigos que me cercam.

– **Sou todo ouvidos** minha senhora.

– Meu nome é Helen Stoner e moro com meu padrasto, que é o último sobrevivente de uma das famílias saxônicas mais antigas da Inglaterra, os Royslotts de Stoke Moran, na fronteira oeste de Surrey.

Holmes acenou com a cabeça. – Esse nome me é familiar – disse.

– Essa família já esteve entre as mais ricas da Inglaterra, e suas propriedades se estendiam além dos limites de *Berkshire*⁷, ao norte, e *Hampshire*⁸, a oeste. No último século, todavia, os quatro sucessivos herdeiros possuíam temperamento dissoluto e esbanjador, e a ruína da família foi finalmente consumada por um apostador no *Período da Regência*⁹. Nada restou, a não ser alguns acres de terra, e a casa de duzentos anos, soterrada sob uma enorme hipoteca. O último proprietário arrastou sua existência ali, levando a horrível vida de um paupérrimo **aristocrata**. Contudo, seu único filho, meu padrasto, vendo que teria que adaptar-se às novas condições, conseguiu um empréstimo de

⁷ Condado também conhecido por *Berks* (vide mapa – ANEXO B), situado no sudoeste da Inglaterra. Faz fronteira com o norte do condado de *Surrey*

⁸ Condado também conhecido por *Hants* (vide mapa – ANEXO B), situado na costa sul da Inglaterra. Faz fronteira com o oeste do condado de *Surrey*

⁹ *Período da Regência* foi o período (entre 1811 e 1820) em que o futuro rei George IV assumiu o poder no Reino Unido como Príncipe Regente no lugar de seu pai, George III, pois este foi considerado inapto para reinar por sofrer de insanidade mental.

um parente, que o possibilitou formar-se em medicina. Então partiu para Calcutá – onde, por sua habilidade profissional e sua força de caráter, adquiriu larga experiência. Porém, em um acesso de raiva causado por alguns roubos que tinham sido perpetrados na casa, ele bateu em seu **mordomo** até a morte e escapou por pouco de uma sentença de morte. Mesmo assim ficou preso por um longo tempo e mais tarde retornou à Inglaterra um homem melancólico e decepcionado.

– Quando o Doutor Roylott estava na Índia casou-se com minha mãe, a senhora Stoner, a jovem viúva do Major-General Stoner da *Artilharia de Bengala*¹⁰. Julia e eu éramos irmãs gêmeas e tínhamos somente dois anos quando nossa mãe se casou novamente. Ela tinha uma quantia considerável de dinheiro, não menos que mil por ano, e a legou para o Doutor Roylott enquanto morássemos com ele e sob a exigência de que nos fosse entregue anualmente uma determinada quantia caso nos casássemos. Minha mãe faleceu assim que voltamos para a **Inglaterra**. Ela morreu há oito anos em um acidente na estrada de ferro perto de Crewe. Com isso, o Doutor Roylott desistiu de morar em Londres e nos levou com ele para a antiga casa em Stoke Moran. O dinheiro que minha mãe havia nos deixado para suprir nossas necessidades era suficiente e parecia não haver nenhum obstáculo à nossa felicidade.

– Mas nessa época, nosso padrasto sofreu uma terrível mudança de comportamento. Ao invés de fazer amizades e visitar nossos vizinhos, que a princípio ficaram muito contentes em ver **um membro da família** Roylott de Stoke Moran de volta ao comando da família, ele se trancou em casa e raras vezes dela saiu, salvo para se envolver em discussões fervorosas com quem quer que cruzasse seu caminho. Tal temperamento violento beirando a loucura tem sido hereditário nos homens da família, e no caso do meu padrasto foi intensificado, creio, devido à sua longa estada em uma região tropical. Sucedeu-se uma série de brigas vergonhosas, duas das quais terminaram no tribunal, até que por fim ele se tornou o terror da vila, e as pessoas passaram a sumir quando ele aparecia, pois ele é um homem de enorme força e de fúria realmente incontrolável.

– Na semana passada ele atirou o ferreiro da vila **dentro de um riacho** e só consegui evitar um escândalo público pagando todo o dinheiro que consegui arranjar. Ele

¹⁰ *Artilharia de Bengala* era o nome dado ao exército da Presidência de Bengala, uma das três presidências da Índia Britânica, no sul da Ásia

não tinha nem um amigo se quer, com exceção dos ciganos nômades, vagabundos aos quais dava permissão para acampar nos poucos acres cobertos por terra espinhosa que representam a propriedade da família, e aceitava em retorno a hospitalidade de suas barracas, peregrinando para longe com eles às vezes durante semanas a fio. Tem paixão também pelos animais indianos, os quais lhe são enviados por um correspondente. No momento possui um **guepardo** e um babuíno, os quais passeiam livremente por suas terras, e são temidos pelos moradores da vila, quase tanto quanto é temido o seu mestre.

– Pode-se imaginar pelo que digo que eu e a minha pobre irmã Julia não tínhamos prazer algum em nossas vidas. Nenhum empregado permanecia conosco e por um longo tempo fizemos todos os afazeres domésticos. Julia tinha somente trinta anos quando morreu e seus cabelos já haviam começado a embranquecer, assim como os meus já começaram.

– Sua irmã está morta então?

– Faleceu há dois anos e é a respeito de sua morte que quero lhe falar. O senhor pode perceber que, vivendo a vida que lhe descrevi, nós tínhamos poucas possibilidades de ver alguém de nossa idade e posição. Tínhamos, entretanto, uma tia, a senhorita Honoria Westphail, irmã solteira da minha mãe que reside próximo a *Harrow*¹¹, e a quem ocasionalmente tínhamos a permissão para fazer pequenas visitas. Julia foi visitá-la dois anos atrás no Natal e lá conheceu um Major da Marinha reformado, de quem ficou noiva. Meu padrasto tomou conhecimento do noivado quando minha irmã voltou e não demonstrou nenhuma objeção ao casamento; mas duas semanas antes do dia do casamento aconteceu o terrível evento que me privou da minha única companhia.

Sherlock Homes permanecera inclinado em sua cadeira com os olhos cerrados e com a cabeça afundada em uma almofada, mas agora entreabriu os olhos e olhou de relance para sua visitante.

– Por favor seja precisa quanto aos detalhes – disse.

– Isso é fácil para mim, pois cada evento daquele período horrível está gravado na minha memória. A mansão senhorial, como já disse, é muito velha, e somente uma ala é habitada hoje em dia. Os quartos dessa ala encontram-se no térreo e as salas de estar no

¹¹ *Harrow* é um bairro suburbano, situado ao noroeste de Londres

bloco central da construção. O primeiro quarto é do Doutor Roylott, o segundo da minha irmã, e o terceiro é o meu. Não há qualquer comunicação entre eles, mas todos dão para o mesmo corredor. Estou sendo clara?

– Perfeitamente.

– As janelas dos três cômodos abrem para o gramado. Na noite fatal o Doutor Roylott foi cedo para seu quarto, embora soubéssemos que ele não havia se deitado, pois minha irmã ficou incomodada com o odor dos fortes charutos indianos que ele tinha o hábito de fumar. Então ela saiu de seu quarto e veio ao meu, onde se sentou por algum tempo e falou sobre seu casamento que se aproximava. Às vinte e três horas se levantou para sair, mas parou à porta e olhou para trás.

– Diga-me uma coisa Helen – ela falou. Você alguma vez ouviu alguém assobiar no meio da noite?

– Nunca – respondi.

– Suponho que você não consiga assobiar enquanto dorme!

– Certamente que não. Mas por que pergunta?

– Porque nas últimas noites tenho escutado, sempre por volta de três da manhã, um assobio baixo e claro. Tenho o sono leve, por isso esse assobio tem me despertado. Não sei dizer de onde ele vem, talvez do quarto ao lado, talvez do gramado. Pensei em lhe perguntar se você já o ouviu.

– Não, nunca ouvi. Devem ter sido aqueles ciganos miseráveis na plantação.

– É muito provável que sim. Mas mesmo que vindo do gramado penso se você ainda assim não o teria escutado.

– É verdade, mas tenho o sono mais pesado que o seu.

– Bem, não tem muita importância. Ela sorriu para mim, fechou a porta do meu quarto, e momentos depois ouvi a chave girar na fechadura de seu quarto.”

– Naturalmente – disse Holmes. As senhoritas tinham o costume de trancar a porta durante a noite?

– Sempre

– Por quê?

– Penso ter-lhe mencionado que o Doutor possuía um guepardo e um babuíno. Não nos sentíamos seguras a não ser que nossas portas estivessem trancadas.

– Mas é claro – por favor, prossiga com sua narrativa.

– Não consegui dormir naquela noite. Um leve pressentimento de fatalidade me inquietava. Minha irmã e eu, como já disse, éramos gêmeas, e o senhor sabe o quão sutil são os laços que unem duas almas que são tão intimamente aliadas. Foi uma noite agitada. O vento soprava fortemente lá fora e a chuva batia contra as janelas. De repente, no meio do alvoroço da ventania, irrompeu um grito de uma mulher aterrorizada. Eu sabia que era a voz da minha irmã. Saltei da cama, me enrolei em um xale e corri em direção ao corredor. Assim que abri a porta do meu quarto pensei escutar um assobio bem baixo, tal qual minha irmã havia descrito, e logo em seguida um som metálico, como se um bloco de metal tivesse caído. Ao correr pelo corredor percebi a porta da minha irmã aberta, balançando lentamente nas dobradiças. Fiquei olhando, horrorizada, sem saber o que estava prestes a sair do quarto. À luz do abajur do corredor consegui ver a minha irmã aparecer na abertura da porta, com a face aterrorizada e as mãos estendidas, como que pedindo socorro, cambaleando como uma pessoa bêbada. Corri em sua direção e a envolvi em meus braços, mas nesse momento seus joelhos se dobraram e ela caiu ao chão. Contorceu-se como alguém em imensa dor, e seus membros estavam terrivelmente retorcidos. A princípio pensei que não tinha me reconhecido, mas ao me inclinar sobre o seu corpo, ela repentinamente gritou em uma voz que jamais me esquecerei: – Ó meu Deus Helen! Foi a faixa! A faixa pintada! – ela tentou dizer mais alguma coisa e apontou os dedos em direção ao quarto do Doutor, mas sofreu uma nova convulsão que lhe bloqueou a fala. Então sai correndo, gritando pelo meu padraсто, e o vi saindo apressado de seu quarto vestido em seu traje de dormir. Quando chegou junto à minha irmã ela estava inconsciente, e embora ele tivesse colocado *conhaque*¹² em sua garganta e mandado buscar auxílio médico da vila, todos os esforços foram em vão, visto que ela desabou lentamente até falecer, sem recuperar sua consciência. Esse foi o terrível fim da minha amada irmã.

– Um momento – disse Holmes. A senhorita tem certeza sobre o assobio e o som metálico? Poderia jurar tê-los realmente ouvido?

¹² Na época, conhaque era conhecido por ser usado também na medicina.

– Foi isso que o médico-legista da comarca me perguntou no interrogatório. Tenho uma impressão muito forte de tê-los escutado, entretanto, devido ao barulho da tempestade e os ruídos naturais de uma casa velha, eu posso ter me enganado.

– Sua irmã estava vestida?

– Não, ela estava de camisola. Em sua mão direita segurava os restos de um fósforo queimado e na esquerda uma caixa de fósforos.

– Demonstrava que acendera um fósforo e olhara em volta quando ouviu o barulho. Isso é importante. E quais foram as conclusões do médico-legista?

– Ele investigou o caso com todo o cuidado, visto que as atitudes do Doutor Roylott eram há muito conhecidas na região, mas foi incapaz de encontrar qualquer causa satisfatória para a morte. As evidências mostraram que a porta havia sido trancada por dentro e as janelas bloqueadas por venezianas antigas com barras largas de ferro, que eram também trancadas todas as noites. As paredes foram cuidadosamente examinadas e se mostraram completamente sólidas. O piso também foi completamente inspecionado, com o mesmo resultado. A chaminé é larga, mas estava bloqueada por quatro grandes pregos. É certo, portanto, que minha irmã estava sozinha ao morrer. Além disso, não havia marcas de violência em seu corpo.

– E quanto à possibilidade de envenenamento?

– Os médicos a examinaram quanto a isso, mas não encontraram nada.

– Então como acha que essa desafortunada senhorita faleceu?

– Creio que ela tenha morrido de puro temor e choque nervoso, embora eu não faça idéia do que possa tê-la aterrorizado.

– Os ciganos se encontravam na plantação quando ocorreu o acontecimento?

– Sim, sempre há alguns por lá.

– **E o que** a senhorita deduz com relação à alusão à faixa – a faixa pintada?

– Por vezes pensei terem sido simplesmente palavras de delírio, outras de terem se referido a um bando de pessoas, talvez aos próprios ciganos. É possível que os lenços pintados que muitos deles usam na cabeça possam ter sugerido essas estranhas palavras que ela proferiu.

Holmes balançou a cabeça como a de um homem que está longe de estar satisfeito.

– Essas são águas bastante profundas – disse. – Por favor, prossiga com sua narrativa.

– Passaram-se dois anos desde então, e a minha vida tem sido até hoje mais solitária do que nunca. Há um mês, entretanto, um querido amigo, o qual conheço há muitos anos, me deu a honra de pedir minha mão em casamento. Seu nome é Armitage – Percy Armitage – o segundo filho do senhor Armitage, de *Crane Water*¹³, próximo a *Reading*¹⁴. Meu padasto não demonstrou qualquer objeção ao casamento, então nos casaremos no decorrer da primavera. Dois dias atrás se iniciaram alguns reparos na ala oeste da casa, e foram abertos buracos na parede do meu quarto, por isso tive que me mudar para o cômodo onde minha irmã morreu e passei a dormir na mesma cama que ela dormia. Imagine, então, o meu grande desespero quando na noite passada, enquanto eu **estava deitada**, pensando em seu terrível destino e, repentinamente ouvi no silêncio da noite o assobio baixo que havia sido o presságio da morte da minha irmã. Saltei da cama e acendi o abajur, mas não havia nada no quarto. Contudo, fiquei agitada demais para voltar à cama, então me vesti, e assim que amanheceu saí disfarçadamente e peguei uma charrete na Hospedaria Crown, que fica em frente à casa, e segui para Leatherhead, de onde vim esta manhã, com o único objetivo de ver o senhor e pedir seus conselhos.

– A senhorita foi sábia, disse meu amigo. – Mas já me contou tudo?

– Sim, tudo.

– Senhorita Stoner, receio que não. A senhorita está protegendo seu padasto.

– Por quê? O que o senhor quer dizer?

Para responder, Holmes levantou o babado de renda preta que encobria a mão que nossa visitante repousava sobre o joelho. Cinco pequenas manchas lívidas, as marcas de **cinco dedos** estavam estampadas sobre seu pulso alvo.

– A senhorita foi cruelmente ferida – disse Holmes.

Ela ruborizou profundamente e cobriu seu pulso machucado. – Ele é um homem duro – disse, – e talvez mal conheça a sua própria força.

¹³ Nome pitoresco para um cidade imaginária

¹⁴ Cidade localizada no condado britânico de Berkshire (Berks), localizada cerca de 35 km de Londres.

Houve um longo silêncio, durante o qual Holmes apoiou o queixo sobre as mãos e contemplou o fogo crepitante.

– Esta é uma questão profunda – ele disse por fim. Há milhares de detalhes que desejo saber antes de decidir quanto às ações a serem tomadas. Além disso, não temos um minuto sequer a perder. Se fôssemos a Stoke Moran ainda hoje, seria possível que víssemos esses cômodos sem o conhecimento de seu padrasto?

– Por coincidência, ele dissera que viria à cidade hoje para tratar de alguns assuntos de suma importância. É provável que fique fora o dia todo, e assim nada haveria para perturbar os senhores. Temos uma governanta agora, mas ela é velha e tola, e eu poderia facilmente **desviar sua atenção**.

– Excelente. Watson, você não seria contra essa viagem, seria?

– De modo algum.

– Então ambos iremos. O que a senhorita **fará agora**?

– Tenho uma ou duas coisas que gostaria de fazer agora que estou na cidade. Mas retornarei no trem das doze horas a fim de estar de volta para a sua chegada.

– Pode nos esperar no início da tarde. Tenho alguns pequenos assuntos para resolver. Não gostaria de aguardar e tomar o café da manhã?

– Não, preciso ir. Meu coração já está mais leve pelo fato de ter confidenciado minha aflição aos senhores. Esperarei ansiosamente vê-los novamente esta tarde. – Ela soltou seu grosso véu preto sobre o rosto e se retirou da sala.

– E o que você pensa disso tudo, Watson? – perguntou Sherlock Holmes ao inclinar-se na cadeira.

– Me parece um assunto bastante obscuro e sinistro.

– Obscuro e sinistro o suficiente.

– Ainda assim, se a senhorita estiver correta ao dizer que o piso e as paredes são sólidos, e que a porta, a janela e a chaminés são intransponíveis, então sua irmã deveria estar sem qualquer dúvida sozinha ao morrer misteriosamente.

– E com relação a esses assobios noturnos e das palavras peculiares da moça ao morrer?

– Não consigo pensar.

Ao juntarmos a idéia dos assobios durante a noite, a presença de um bando de ciganos que são íntimos desse velho médico, o fato de termos toda e qualquer razão para acreditar que o médico tem interesse em impedir o casamento de sua enteada, a alusão mortífera de uma faixa, e finalmente, o fato de a senhorita Helen Stoner ter ouvido um barulho metálico – que deve ter sido causado por uma daquelas barras de metal que seguram as venezianas ao voltar à sua posição original – penso que há indícios para acharmos que o mistério poderá ser esclarecido seguindo essa linha.

– Mas o que então os ciganos fizeram?

– Não consigo imaginar.

– Vejo muitas objeções para uma teoria como essa.

– Eu também. É justamente por esta razão que iremos à Stoke Moran hoje. Quero descobrir se as objeções são fatais, ou se podem ser descartadas. **Mas o que diabos é isso!**

Tal exclamação foi proferida por meu companheiro pelo fato de nossa porta ter sido aberta abruptamente, e de um enorme homem surgir na abertura. Seu traje era uma mistura peculiar de profissional e agricultor, com uma cartola preta, uma longa sobrecasaca, um par de botinas longas e um chicote de caça pendendo de sua mão.



Ele era tão alto que sua cartola raspou na verga da porta de entrada, e sua largura parecia se estender de um lado a outro da mesma. Um rosto largo, coberto por milhares de rugas, **queimado de sol** e marcado por uma raiva demoníaca, se virou para cada um de nós, ao mesmo tempo em que seus olhos profundos e coléricos e o nariz fino e descarnado, lhe davam a semelhança de um velho e feroz pássaro de caça.

– Qual dos senhores é Holmes? – essa aparição perguntou.

– Este é meu nome, senhor, mas o senhor encontra-se em vantagem, pois não sei o seu – disse meu companheiro calmamente.

– Sou o Doutor Grimesby Roylott, de Stoke Moran.

– Certamente, Doutor – disse Holmes suavemente. – Sente-se, por favor.

– **Nada disso.** Minha enteada esteve aqui. Eu a segui. O que ela lhes contou?

– Está um pouco frio para esta época do ano – disse Holmes.

– O que ela lhes contou? – gritou o velho furiosamente.

– Mas ouvi dizer que as flores da primavera estão brotando – continuou meu companheiro impassível.

– Hã! Você está querendo me confundir, não está? – disse nosso novo visitante, dando um passo para frente e balançando seu chicote de caça. Eu lhe conheço, seu salafário. Já ouvi falar a seu respeito. O senhor é Holmes, o intrometido.

Meu amigo sorriu.

– Holmes o atrevido!

Seu sorriso alargou-se.

– Holmes, o **funcionário insolente e autoritário** da Scotland Yard.

Holmes riu com vontade – Sua conversa é muito divertida – disse. – Ao sair tenha a bondade de fechar a porta, pois há uma corrente de ar.

– Sairei assim que tiver terminado o que tenho a dizer. Não ouse se intrometer em meus negócios. Estou ciente que a senhorita Stoner esteve aqui. Eu a segui! Sou um homem perigoso de se enfrentar. Olhe só! – Deu um passo rápido à frente, pegou o atizador de fogo e o dobrou ao meio com as enormes mãos morenas.

– **Mantenha-se fora do meu alcance** – rosnou e, atirando o atizador retorcido na lareira, saiu rapidamente da sala.

– Parece um sujeito muito amável – disse Holmes, rindo. – Não sou tão grande quanto ele, mas se tivesse ficado por mais tempo, eu poderia lhe mostrar que minhas mãos

não são mais fracas do que as dele. – Enquanto falava, pegou o atizador de aço e com rápido esforço endireitou-o novamente.

– Imagine a ousadia dele em me confundir com os detetives da força policial! **Contudo**, esse incidente dá mais sabor à nossa pequena investigação. Só espero que nossa jovem amiga não venha a sofrer por sua imprudência em se deixar seguir por esse bruto. E agora, Watson, vamos tomar café e depois vou dar um passeio até o *registro público*¹⁵, onde espero conseguir umas informações que poderão nos ajudar nesse assunto.

Eram quase treze horas quando Sherlock Holmes voltou de sua excursão. Trazia em suas mãos uma folha de papel azul, coberta de anotações e números.

– Vi o testamento da falecida esposa – disse. – Para determinar seu exato significado, fui obrigado a calcular os preços atuais dos investimentos a que ele se refere. A renda total, que na época em que ela faleceu era aproximadamente mil e cem libras, agora, devido à queda dos preços da agricultura, não passa de setecentas e cinquenta libras. Cada uma das filhas tem direito a uma renda de duzentas e cinquenta libras ao se casar. É evidente, portanto, que se ambas as moças tivessem se casado, aquele cidadão ficaria com uma ninharia, e mesmo se só uma se casasse, **ele já não ficaria bem de vida**. Meus esforços esta manhã não foram em vão, pois provaram que ele tem motivos fortíssimos para impedir que qualquer coisa do gênero acontecesse. E agora, Watson, isso é sério demais para permitir delongas, especialmente porque o velho sabe que estamos interessados em seus negócios; portanto, se você estiver pronto, vamos pegar um táxi e seguir para Waterloo. Ficaria muito grato se você colocasse sua pistola no bolso. Uma Eley no. 2 é um excelente argumento para cavalheiros que envergam atizadores de aço. Isso e uma escova de dentes é tudo que precisamos, eu acho.

Em Waterloo, tivemos a **sorte** de pegar um trem para Leatherhead, onde alugamos uma charrete na estalagem da estação e percorremos por seis ou sete quilômetros as lindas estradas de Surrey. O dia estava perfeito, o sol brilhava e umas nuvens felpudas navegavam pelo céu. As árvores e as sebes à margem da estrada começavam a mostrar seus brotos verdes e o ar estava perfumado com um cheiro agradável de terra úmida. Para

¹⁵ No original *Doctor's Commom*, era um edifício antigo, próximo à Catedral de São Paulo, onde testamentos, certidões de casamento e de divórcio, e outros registros civis eram arquivados.

mim pelo menos, havia um estranho contraste entre a doce promessa da primavera e a investigação sinistra na qual nos envolvemos. Meu companheiro sentava à frente da charrete, de braços cruzados, o chapéu cobrindo os olhos, o queixo afundado no peito, imerso em seus pensamentos mais profundos. De repente, contudo, teve um sobressalto, bateu em meu ombro e apontou para os campos.

– Olhe lá! – disse.

Um parque vastamente arborizado se estendia por uma colina suave, terminando em um bosque denso no ponto mais alto. Por entre os galhos das árvores, despontavam as arestas cinzentas e o telhado alto de uma mansão bem velha.

– Stoke Moran? – indagou.

– Sim, senhor, é a casa do Doutor Grimesby Roylott – respondeu o cocheiro.

– Estão fazendo um trabalho de construção ali – disse Holmes. – É para lá que estamos indo.



– Ali está a vila, – disse o cocheiro apontando para um agrupamento de telhados à esquerda; mas se os senhores querem ir até a mansão, é mais perto seguir o caminho que atravessa o campo. Ali está, onde aquela senhora está caminhando.

– E a senhora, **se não me engano**, trata-se da senhorita Stoner – observou Holmes, fazendo sombra com a mão sobre seus olhos. – Sim, acho melhor fazermos o que o senhor sugeriu.

Saltamos, pagamos a corrida e a charrete seguiu de volta para Leatherhead.

– **Também considere** – disse Holmes, enquanto caminhávamos – que esse camarada devesse pensar que estávamos aqui como arquitetos, ou por alguma razão profissional. Talvez assim não vá comentar nossa presença. Boa tarde, senhorita Stoner. Está vendo que cumprimos nossa palavra.

Nossa cliente dessa manhã se apressara em vir ao nosso encontro, com o rosto cheio de alegria. – Estava ansiosa à espera dos senhores – exclamou, nos cumprimentando com um caloroso aperto de mãos. – Tudo deu maravilhosamente certo. O Doutor Roylott foi à cidade e é pouco provável que volte antes de escurecer.

– Tivemos o prazer de conhecer o Doutor – disse Holmes e em poucas palavras contou o que ocorrera. A senhorita Stoner empalideceu ao escutar.

– Meu Deus! – exclamou. – Então ele me seguiu.

– É o que parece.

– Ele é tão astucioso que nunca sei como me defender dele. O que será que ele vai dizer quando voltar?

– Ele deve se precaver, pois talvez descubra que há alguém mais astucioso que ele em seu encalço. A senhorita deverá trancar sua porta hoje à noite. Se ele se mostrar violento, vamos levá-la para a casa de sua tia em Harrow. Agora vamos aproveitar o tempo de que dispomos; então por gentileza nos encaminhe imediatamente aos cômodos que devemos examinar.

A mansão era de pedra cinzenta, com uma parte central alta e duas alas laterais curvas, como as garras de um caranguejo, lançadas uma para cada lado. Em uma dessas alas as janelas estavam quebradas e cobertas com tábuas, enquanto o telhado estava parcialmente desabado – uma foto de ruína. A parte central estava ligeiramente em melhor condição, e a ala direita era comparativamente moderna. As cortinas nas janelas, com a fumaça em tom azulado saindo das chaminés, mostravam que era ali que a família residia. Havia suspenso um andaime na parede dos fundos e algumas pedras estavam quebradas, mas não havia qualquer sinal dos trabalhadores no momento de nossa visita. Holmes caminhou lentamente para cima e para baixo no gramado mal cortado e examinou minuciosamente as partes de fora das janelas.

– Presumo que esta seja **a janela** do quarto em que a senhorita costumava dormir, a do centro era do quarto de sua irmã e aquela ao lado da parte central é do quarto do Doutor Roylott?

– Exatamente. Mas agora estou dormindo no quarto do centro.

– Devido à reforma, pelo que entendi. A propósito, não parece haver nenhuma razão urgente para reparos naquela parede dos fundos.

– Não havia razão nenhuma. Acho que foi uma desculpa só para me mudarem do meu quarto.

– Ah! Isso é sugestivo. Bem, do outro lado dessa ala estreita há um corredor que dá para os três quartos. Há janelas nesse corredor, não?

– Sim, mas são muito pequenas. Estreitas demais para que alguém possa passar.

– Como a senhorita e a sua irmã trancavam as portas à noite, seus quartos eram inacessível por aquele lado. Agora, a senhorita poderia fazer a gentileza de ir ao seu quarto e fechar as venezianas com as barras.

A senhorita Stoner atendeu ao pedido e Holmes, após cuidadoso estudo através da janela aberta, tentou de todas as maneiras forçar as venezianas até que fossem abertas, mas sem sucesso. Não havia nem uma fresta na qual se pudesse introduzir uma faca para suspender a barra. Então ele testou as dobradiças com a lupa, mas eram de ferro sólido, embutidas na alvenaria maciça. – Hum! – disse, coçando o queixo, um pouco perplexo. – **Minha teoria certamente apresenta algumas dificuldades.** Ninguém poderia passar por essa janela com a tranca no lugar. Vejamos se o interior pode nos dar alguma luz nessa questão.

Uma pequena porta lateral levava ao corredor pintado de branco, no qual as três portas se abriam. **Holmes se recusou a examinar o terceiro quarto**, então fomos diretamente ao segundo, aquele em que a senhorita Stoner estava dormindo atualmente e onde sua irmã encontrara seu destino **fatídico**. Era um quarto pequeno e modesto, com o teto baixo e uma lareira aberta, à maneira das velhas casas de campo. Em um canto havia uma cômoda marrom, em outro, uma estreita cama coberta por uma colcha branca, e do lado esquerdo da janela uma penteadeira. Esses itens, além de duas pequenas cadeiras de vime e um tapete no centro do quarto, eram toda a mobília do cômodo. As tábuas do

assoalho e o forro das paredes eram marrons, carvalho-escuro, tão velhos e desbotados que deveriam datar da construção da mansão. Holmes puxou uma das cadeiras para um canto e se sentou em silêncio, deixando os olhos correrem por todos os lados do cômodo, observando todos os seus detalhes.

– Aquela campainha se comunica com qual parte da casa? – perguntou finalmente, apontando para um grosso cordão pendurado ao lado cama, com a ponta repousando sobre o travesseiro.

– **Com o quarto da governanta.**

– Parece mais novo do que todas as outras coisas.

– Sim, foi instalado aí há uns dois anos.

– Foi sua irmã que o solicitou, **suponho!**

– Não, acho que nem chegou a usá-lo. Sempre pegávamos o que queríamos por conta própria.

– De fato me parece desnecessário instalar uma campainha com cordão tão bela. Dêem-me licença por um momento enquanto examino o chão. – Abaixou-se com a face rente ao chão e com a lupa à mão, depois engatinhou rapidamente **para frente e para trás**, examinando minuciosamente as frestas entre as tábuas. Então fez o mesmo com os painéis de madeira das paredes. Finalmente, caminhou para a cama e ficou algum tempo olhando-a e também passando os olhos para cima e para baixo ao longo da parede. Por fim, pegou o cordão da campainha e puxou-o com força.

– Ora, é falso – disse.

– Ela não toca?

– Não, nem está ligada a nenhum fio. Isto é muito interessante. É possível ver que está amarrada a um gancho logo acima da pequena abertura da ventilação.

– Que absurdo! Não tinha reparado nisso antes.

– **Muito estranho!** – murmurou Holmes, **puxando o cordão.** – Há uma ou duas coisas muito esquisitas a respeito deste quarto. Por exemplo, o construtor foi um tolo por ter feito uma abertura de ventilação para outro quarto quando, com o mesmo trabalho, poderia ter feito uma comunicação com o ar exterior **da casa!**

– Isto também é bastante recente – disse a moça.

– Feito aproximadamente na mesma época da instalação da campainha? – indagou Holmes.

– Sim, houve diversas pequenas modificações realizadas na mesma ocasião.

– Todas têm características bem interessantes – campainhas que não soam, ventiladores que não ventilam. Com sua permissão, senhorita Stoner, seguiremos agora para realizar nossas pesquisas no outro cômodo.

O quarto do Doutor Grimesby Roylott era maior que o de sua enteada, mas mobiliado com a mesma simplicidade. Uma cama desmontável, uma pequena prateleira de madeira cheia de livros, em sua maioria livros técnicos, uma poltrona ao lado da cama, uma cadeira de madeira encostada na parede, uma mesa redonda e um grande cofre de ferro eram as coisas principais a serem vistas. Holmes andou lentamente em volta do cômodo e examinou cada um dos objetos com a maior atenção.

– O que tem aqui dentro? – perguntou, batendo no cofre.

– Papéis de negócios do meu padrasto.

– Ó! Viu o conteúdo, então?



– Não. Que idéia esquisita!

– Bem, veja só isso. – Pegou um pequeno pires com leite que estava em cima do cofre.

– Não, não temos nenhum gato. Mas há um guepardo e um babuíno.

– Ah, sim, é claro! Bem, um guepardo é apenas um gato grande, e um pequeno pires com leite não parece suficiente para satisfazer sua sede, suponho. Há um ponto que eu gostaria de estabelecer. – Agachou-se em frente à cadeira de madeira e examinou o assento com a maior atenção.

– Obrigado. Isso está quase resolvido – disse, erguendo-se e guardando a lupa no bolso. – Ora! Aqui está uma coisa interessante.

O objeto que atraía sua atenção era uma pequena coleira de cachorro pendurada em um canto da cama. A coleira havia sido enrolada em volta de si mesma e amarrada, formando um laço de cordel de chicote.

– O que acha disso, Watson?

– É uma coleira bastante comum. Mas não sei por que estaria amarrada.

– Isso não é tão comum, é? Ai, ai, este é um mundo perverso e quando um homem inteligente volta sua mente para o crime é o pior de tudo. Acho que já vi o suficiente agora senhorita Stoner e, com sua permissão, vamos lá para fora, para o gramado.

Eu nunca havia visto o rosto de meu amigo tão sombrio, ou sua testa tão franzida, como estava no momento que saímos da cena da investigação. Caminhamos para cima e para baixo do gramado várias vezes, mas nem a senhorita Stoner nem eu ousamos interromper seus pensamentos, até que Homes despertou de seu devaneio.

– É muito importante, senhorita Stoner, – disse finalmente – que a senhorita siga exatamente os meus conselhos em todos os aspectos.

– Certamente que farei tudo que disser.

– A questão é grave demais para qualquer hesitação. Sua vida pode depender de sua complacência.

– Asseguro-lhe que estou em suas mãos.

– Em primeiro lugar, meu amigo e eu devemos passar a noite em seu quarto.

A senhorita Stoner e eu o olhamos com espanto.

– Sim, tem que ser assim. Deixe-me explicar. Creio que aquilo ali seja a hospedaria da vila.

– Sim, é a **Hospedaria Crown**.

– Muito bem. Seria possível ver as janelas da pensão de lá?

– Certamente.

– A senhoria deverá se confinar em seu quarto, sob o pretexto de estar com dor de cabeça, assim que seu padraço regressar. Então, ao ouvi-lo se deitar, abra as venezianas de sua janela, retire o ferrolho, coloque o abajur na janela como um sinal para nós e então leve tudo que poderá precisar para o quarto que costumava ocupar. Tenho certeza que, apesar das obras de reparo, poderá ficar lá por uma noite.

– Sem dúvida alguma

– **O resto a senhorita deixará em nossas mãos.**

– Mas o que irão fazer?

– Vamos passar a noite em seu quarto e investigar a causa desse barulho que a vem perturbando.

– Acho, senhor Holmes, que o senhor já tenha **desvendado esse mistério** – disse a senhorita Stoner, apoiando a mão no **braço** de meu companheiro.

– Talvez eu já tenha.

– Então por piedade me diga qual foi a causa da morte de minha irmã.

– Prefiro ter provas mais claras antes de falar.

– O senhor poderia ao menos me dizer se os meus pensamentos estão certos quanto a ela ter morrido de algum temor repentino.

– Não, penso que não. Acho que provavelmente houve uma causa mais tangível. E agora, senhorita Stoner, devemos deixá-la, pois se o Doutor Roylott voltar e nos vir, nossa viagem terá sido em vão. Até logo e tenha coragem, pois se fizer o que lhe disse, poderá ficar segura que muito em breve afastaremos os perigos que a ameaçam.

Sherlock Holmes e eu não tivemos dificuldade em alugar um quarto e sala na Hospedaria Crown. Era no segundo andar e da nossa janela podíamos ter uma visão clara do portão que dá para a avenida e da ala habitada da Mansão de Stoke Moran. Ao entardecer, vimos o Doutor Grimesby Roylott chegar de charrete, sua figura enorme agigantando-se ao lado do rapazinho que guiava o veículo. Este teve certa dificuldade em

abrir os pesados portões de ferro. Ouvimos os berros roucos do Doutor e vimos a fúria com que serrou os punhos para o rapaz. A charrete seguiu e poucos minutos depois vimos uma luz súbita surgir entre as árvores quando o abajur foi aceso em uma das salas de estar.

– Sabe de uma coisa, Watson, – disse Holmes enquanto sentávamos na escuridão que se aprofundava. – Estou com algum receio em levar você comigo esta noite. Há um nítido elemento de perigo.

– Posso ser útil?

– Sua presença pode ser muito valiosa.

– Então certamente irei.

– É muita bondade sua.

– Você fala em perigo. Evidentemente viu mais naqueles quartos do que foi visível para mim.

– Não, mas suponho que eu possa ter deduzido mais. Imagino que você viu o mesmo que eu vi.

– Não vi nada de extraordinário, exceto a campainha, e a sua finalidade confesso que nem posso imaginar.

– Viu a abertura de ventilação também?

– Sim, mas não acho que seja uma coisa tão incomum ter uma pequena abertura entre dois quartos. Era tão pequena que um rato mal poderia atravessar.

– Eu já sabia que íamos encontrar uma abertura de ventilação antes de virmos à Stoke Moran.

– Meu caro Holmes!

– Sim, sabia. Lembra-se que em sua narração a senhorita Stoner dissera que sua irmã podia sentir o cheiro do charuto do Doutor Roylott. Isso sugere imediatamente que deveria haver uma comunicação entre os dois quartos. Só poderia ser muito pequena, senão teria sido notada durante a investigação do médico-legista. Deduzi que deveria ser uma abertura de ventilação.

– Mas que mal pode haver nisso?

– Bem, há pelo menos uma curiosa coincidência de datas. Faz-se uma abertura de ventilação, pendura-se um cordão e uma senhorita que dorme naquela cama morre. Isso não lhe diz nada?

– Não consigo ver nenhuma ligação.

– Observou alguma coisa muito peculiar a respeito daquela cama?

– Não.

– Estava presa ao chão. Já viu alguma cama presa daquele jeito antes?

– Não sei dizer já ter visto.

– A moça não podia mudar a cama de lugar. Ficava sempre na mesma posição em relação à abertura de ventilação e à corda – como devemos chamá-la, pois claramente jamais fora colocada ali para acionar uma campainha.

– Holmes, – exclamei – começo a ver vagamente aonde você quer chegar. Chegamos a tempo de evitar um crime sutil e horrível.

– Suficientemente sutil e horrível. Quando um médico se dispõe a fazer algo errado, é o melhor dos criminosos. Ele tem sangue-frio e tem conhecimentos. *Palmer e Pritchard*¹⁶ estavam entre os melhores de sua profissão. Esse homem vai mais longe ainda, mas penso Watson, que vamos ser mais competentes do que ele. Todavia, veremos horrores suficientes antes que a noite termine. Pelo amor de Deus, deixe-nos fumar um cachimbo e pensar em coisas mais agradáveis por algumas horas.

Cerca de nove horas da noite, a luz entre as árvores foi apagada e tudo ficou escuro na direção da mansão. Duas horas se arrastaram e então, subitamente, quando davam onze horas, uma única luz forte brilhou exatamente à nossa frente.

– É o nosso sinal – disse Holmes, ficando em pé. – Vem da janela do meio.

Ao sairmos, Holmes trocou algumas palavras com o dono da hospedaria, explicando que estávamos indo fazer uma visita noturna a um conhecido e era possível que passássemos a noite por lá. Instantes depois estávamos na estrada escura, com um vento

¹⁶ William Palmer e Edward Pritchard eram conhecidos médicos do sec. XX condenados por terem assassinado membros de suas próprias famílias por envenenamento.

frio soprando em nossos rostos e uma luz amarela brilhando na escuridão à nossa frente para nos guiar em nossa incumbência sombria.

Não houve grande dificuldade em entrar no terreno da propriedade devido às fendas no muro que não haviam sido restauradas. Abrindo caminho por entre as árvores, chegamos ao gramado, o atravessamos e estávamos prestes a entrar pela janela quando, de uma moita de arbustos de louro, emergiu o que parecia ser uma criança medonha e disforme, a qual se atirou na grama com os membros contorcidos e depois correu rapidamente pelo gramado sumindo na escuridão.

– Meu Deus! – murmurei. – Você viu isso?

Holmes ficou, por instantes, tão espantado quanto eu. Sua mão se fechou com força em meu punho, mas logo riu baixinho e encostou os lábios no meu ouvido.

– É um lar muito interessante – disse. – Era o babuíno.

Eu havia me esquecido dos estranhos animais de estimação do Doutor. Havia também um guepardo; talvez possamos encontrá-lo sobre nossos ombros a qualquer momento. Confesso que me senti mais tranqüilo quando, após seguir o exemplo de Holmes e tirar os sapatos, vi que me encontrava dentro do quarto. Meu companheiro fechou as venezianas sem fazer barulho, mudou o abajur para cima da mesa e olhou ao redor do quarto. Tudo estava exatamente como havíamos visto durante o dia. Então, vindo silenciosamente em minha direção, colocou as mãos ao redor da boca e murmurou em meu ouvido, tão baixinho que pude apenas distinguir as palavras.

– **O menor ruído seria fatal aos nossos planos.**

Acenei com a cabeça para mostrar que o escutara.

– Devemos nos sentar no escuro, pois ele poderia ver a luz através da passagem de ventilação.

Acenei novamente.

– Não durma; sua vida poderá depender disso. Tenha sua pistola em mãos caso precisemos. Me sentarei no canto da cama e você poderá se sentar naquela cadeira.

Tirei a pistola do bolso e coloquei-a no canto da mesa.

Holmes trouxera um bastão longo e fino, que colocou na cama ao seu lado. Junto a ele, colocou a caixa de fósforos e um pedaço de vela. Apagou então o abajur e ficamos no escuro.

Como poderei jamais me esquecer daquela vigília horrível? Não conseguia ouvir nada, nem mesmo uma respiração, mas sabia que meu companheiro estava sentado ali de olhos abertos, a poucos passos de mim, no mesmo estado de tensão nervosa em que eu me encontrava. As venezianas cortavam qualquer raio de luz que pudesse penetrar e aguardamos na mais completa escuridão. De fora, vinha o grito ocasional de alguma ave noturna e uma vez, bem em nossa janela, veio um longo gemido felino, que nos fez perceber que o guepardo estava de fato em liberdade. Muito ao longe podíamos ouvir as badaladas profundas do relógio da paróquia, que batia a cada quarto de hora. Como custavam a passar aqueles quartos de hora! Meia-noite, uma hora, duas horas, três horas, e continuávamos sentados em silêncio esperando fosse lá o que pudesse acontecer.



De repente surgiu um raio de luz na direção da abertura de ventilação, que desapareceu imediatamente, mas foi seguido de um cheiro forte de óleo queimado e metal aquecido. Alguém no quarto ao lado acendera uma *lanterna de furta-fogo*¹⁷. Escutei um som leve de movimento e em seguida tudo ficou novamente em silêncio, embora o cheiro

¹⁷ No original *dark lantern*, lanterna de furta-fogo, é uma lanterna que possui um dispositivo que impede que seja iluminada a pessoa que a conduz e que também pode ocultar rapidamente a luz.

estivesse mais forte. Por uma meia hora fiquei sentado com os ouvidos atentos. Então, de repente outro ruído tornou-se audível – um som muito leve e suave, como de um pequeno jato de vapor escapando de uma chaleira. No mesmo instante em que o ouvimos, Holmes saltou da cama, acendeu um fósforo e bateu furiosamente com seu bastão no cordão da campainha.

– Está vendo, Watson? – gritou. – Está vendo?

Mas não vi nada. No momento em que Holmes riscou o fósforo, escutei um assobio baixo, bem claro, mas o brilho súbito em meus olhos cansados não me deixou ver em que meu amigo batera com tanta fúria. Pude, entretanto, ver que seu rosto estava muito pálido e repleto de horror e repugnância.

Ele parara de bater no cordão e estava olhando para a abertura de ventilação quando o silêncio da noite foi quebrado pelo grito mais horrível que jamais ouvi. Foi ficando cada vez mais alto, um berro rouco de dor, medo e raiva, tudo misturado em um som agudo e espantoso. Dizem lá longe na vila, mesmo no distante presbitério, que esse grito arrancou aqueles que dormiam de suas camas. Nossos corações congelaram e eu fiquei olhando para Holmes e ele para mim, até que os últimos ecos morreram no silêncio de onde vieram.

– O que quer dizer isso? – disse ofegante.

– Quer dizer que está tudo terminado – respondeu Holmes. – E talvez, no final das contas, será para o melhor. Pegue sua pistola e vamos entrar no quarto do Doutor Roylott.

Com uma expressão séria acendeu o abajur e liderou o caminho pelo corredor. Bateu à porta do quarto do Doutor duas vezes, sem obter resposta. Então girou a maçaneta e entrou, comigo de pistola em mãos aos seus calcanhares.

Foi uma cena singular com que nos deparamos. Sobre a mesa havia uma lanterna de furta-fogo com a tampa meio aberta, jogando um feixe brilhante de luz sobre o cofre de ferro, cuja porta estava aberta. Ao lado da mesa, na cadeira de madeira, sentava o Doutor Grimesby Roylott, vestido em um longo roupão cinzento, com os tornozelos nus expostos e os pés metidos em **um par de chinelos** vermelhos. Tinha sobre o colo a haste com a longa coleira que tínhamos visto durante o dia. Seu queixo estava erguido e os olhos fixos, num olhar rígido e medonho para o canto do teto. Em volta da testa, tinha uma

estranha faixa amarela, com pintas marrons, que parecia estar muito apertada em sua cabeça. Ao entrarmos ele não se mexeu, nem fez qualquer barulho.

– A faixa! A faixa pintada! – murmurou Holmes.

Dei um passo à frente. Em um instante, a estranha faixa começou a se mover e em meio ao cabelo do Doutor ela ergueu a cabeça triangular achatada e o pescoço inchado de uma serpente asquerosa.

– É uma **víbora do pântano!** – exclamou Holmes – a serpente mais mortífera da Índia! – Ele morreu depois de dez segundos que foi picado. A violência, realmente, recaí sobre os violentos e aquele que maquinou a armadilha acaba caindo na cova que cavou para outra pessoa. Vamos guardar essa criatura em sua toca para podermos então levar a senhorita Stoner a algum lugar seguro, e avisar a polícia do Condado sobre o acontecido.



Enquanto falava, tirou rapidamente a coleira do colo do morto, e jogando o laço em volta do pescoço do réptil, o arrancou do horrível poleiro, levou-o a um braço de distância para o cofre de ferro, onde o trancou.

Esses são os verdadeiros fatos sobre a morte do Doutor Grimesby Roylott de Stoke Moran. Não é necessário que eu prolongue uma narrativa que já se tornou extensa demais, ao dizer como demos a triste notícia à moça apavorada, como a transportamos no trem da manhã para os cuidados de sua bondosa tia em Harrow, e como o lento processo da investigação policial chegou à conclusão de que o Doutor encontrara sua morte quando brincava imprudentemente com um perigoso animal de estimação. O pouco que eu ainda

tinha a aprender sobre o caso me foi contado por Sherlock Holmes quando viajamos de volta no dia seguinte.

– Cheguei – disse ele – a uma conclusão totalmente errônea, o que demonstra, meu caro Watson, como é perigoso raciocinar com dados insuficientes. A presença dos ciganos e o uso da palavra "faixa", dita pela pobre moça para explicar o que vira de vislumbre à luz de um fósforo, foram suficientes para me colocar em uma pista inteiramente errada. Só posso me dar o mérito de que reconsiderarei minha posição imediatamente quando, entretanto, ficou claro para mim que qualquer perigo que ameaçasse o ocupante do quarto não poderia vir nem da janela nem da porta. Minha atenção foi rapidamente atraída, como já lhe havia mencionado, para a abertura de ventilação e para o cordão da campainha pendurado acima da cama. A descoberta de que a campainha era falsa e que a cama estava presa ao chão deram origem à suspeita de que o cordão estava ali para servir de ponte para que alguma coisa pudesse passar pela abertura e vir até a cama. Ocorreu-me logo a idéia de uma cobra e, quando associei isso ao conhecimento de que o Doutor possuía uma série de criaturas da Índia, senti que provavelmente estava na pista certa. A idéia de usar uma forma de veneno que não pudesse ser descoberta por nenhum teste químico era exatamente a que ocorreria a um homem sábio e inescrupuloso que havia exercido medicina no Oriente. A rapidez com que esse veneno faria efeito também era, de seu ponto de vista, uma vantagem. Seria certamente um médico-legista de visão aguçada que poderia distinguir os dois pequenos pontinhos escuros que mostravam onde as presas venenosas haviam feito seu serviço. Pensei, então, no assobio. É claro que tinha que chamar a serpente de volta antes que a luz do dia a revelasse à vítima. Ele treinou-a, provavelmente usando o leite que vimos, para voltar quando chamada. Colocava-a no buraco de ventilação na hora que julgasse ser mais apropriada, certo de que ela deslizaria pela corda e cairia sobre a cama. Ela poderia ou não picar a vítima, que talvez tivesse escapado todas as noites durante uma semana, mas que mais cedo ou mais tarde seria atacada.

– Cheguei a essas conclusões antes mesmo de entrar no quarto do Doutor. Uma inspeção de sua cadeira mostrou que ele tinha o hábito de ficar em pé em cima dela, o que, é claro, era necessário a fim de alcançar a abertura de ventilação. O cofre, o pires de leite e o laço na coleira foram suficientes para tirar qualquer dúvida que porventura ainda permanecia. O som metálico ouvido pela senhorita Stoner foi obviamente causado por seu

padrasto, ao fechar rapidamente a porta do cofre com seu terrível ocupante dentro. Tendo chegado a essa conclusão, você já sabe as medidas que tomei para obter as provas. Escutei o silvo da criatura, como tenho certeza que você também ouviu, e imediatamente acendi a lâmpada e ataquei-a.

– Com o resultado de fazê-la passar de volta pela abertura.

– E também com o resultado de fazê-la voltar-se contra seu mestre do outro lado. Alguns golpes do meu bastão atingiram o alvo em cheio e irritou a criatura de modo a fazê-la atacar a primeira pessoa à vista. Dessa maneira, sou, sem dúvida alguma, indiretamente responsável pela morte do Doutor Grimesby Roylott, e posso afirmar que isso não irá pesar muito na minha consciência.

RELATÓRIO DE TRADUÇÃO

4.1 Comentários sobre algumas escolhas tradutórias

Nesta seção do trabalho apresento decisões que tomei diante de alguns problemas de tradução encontrados durante o processo tradutório.

O primeiro dilema com o qual me deparei foi entre manter os nomes próprios no idioma de origem ou substituí-los por nomes equivalentes em português. Esta questão me remeteu automaticamente ao conceito de *estrangeirização*. Decidi mantê-los no idioma inglês, ou seja, utilizei o método da *estrangeirização*, pois acreditei que as histórias de Sherlock Holmes devem primeiramente levar o leitor ao local e à cultura onde elas se passam. Além disso, a fim de fazer com que o leitor se sinta no país de origem da história e para não causar tanta estranheza do público alvo ao se deparar com alguns desses termos, principalmente a respeito de regiões geográficas, acrescentei explicações em notas de rodapé onde necessário.

Os comentários abaixo visam melhor elucidar e justificar algumas opções de tradução concernentes a vocabulário:

- O título original do conto em inglês é “**The speckled band**”. O termo *band* pode ser traduzido literalmente tanto por *banda*, como também por *fita* ou *faixa*. Como o conto faz alusão a uma cobra pintada que, no desenrolar da história é descoberta pelo detetive, decidi escolher o termo *faixa*.
- Como opções tradutórias para o termo *commomplace* encontrei: *corriqueiro*, *trivial*, *comum* e *banal*. Destes, optei por *trivial*, por me parecer o termo mais adequado para o contexto em que se encontra inserido na história.
- Existem infinitas traduções para o termo inglês *regular* (i.g. *exato*, *pontual*, *regular*, *certo*, *comum*, etc.). A opção escolhida por mim foi *metódico*, por se tratar, neste contexto, de um adjetivo descritivo da personalidade do Dr. Watson.

- A tradução literal para a expressão *considerable state of excitement* não se encaixaria no contexto, portanto optei por traduzir pela seguinte expressão em português: *muíttssimo nervosa*, a qual retrata bem o estado da personagem Helen Stoner em tempo.
- *Cabriolé* seria uma excelente opção em português para traduzir a palavra *dog-cart*; entretanto, o termo *charrete*, além de ser bem mais comum aos leitores contemporâneos, também fornece uma noção mais abrangente sobre qual tipo de veículo se trata no texto, por isso a minha escolha pelo mesmo.
- No caso do termo *case-book*, achei necessário explicá-lo em mais detalhes no idioma português. Escolhi a seguinte explicação: *caderneta que utilizava para anotar seus casos*, pois era exatamente para o propósito de registrar os casos em que trabalhava que Holmes utilizava essa caderneta.
- *E com o rosto coberto por um véu espesso* foi a melhor maneira que encontrei para traduzir o termo em inglês *heavily veiled*.
- Acredito que o termo *encurralado* deixa um tom mais natural para *hunted*, em comparação ao termo *caçado* (tradução literal)
- A *cheetah* (nome em inglês) é um animal da família dos felinos (*felidae*) que tem como *habitat* a savana. Pode ser encontrado na África, na Península Arábica e no sudoeste da Ásia. Fisicamente é bastante parecido com o leopardo. Como opções tradutórias encontrei: *chita*, *guepardo*, *lobo-tigre*, *leopardo-caçador*, *onça-africana*, ou *leopardo da índia*. Dentre estas opções *chita* e *guepardo* foram aquelas com maior ocorrência no sítio www.google.com. Escolhi o termo *guepardo* por ser aquele mais popularmente conhecido dentre os falantes do português brasileiro.
- Segundo o dicionário bilingue MICHAELIS – Moderno Dicionário Inglês & Português –, o termo *jack-in-office* é definido como *funcionário insolente e autoritário*
- A “víbora assassina” – personagem fundamental do conto – foi descrita por Doyle no original em inglês como uma *swamp adder*. Na realidade este é um nome fictício para ofídios. Assim, para os fãs de Sherlock Holmes que vivenciam suas histórias como “eventos da vida real”, a verdadeira identidade

dessa serpente tem sido um enigma desde a publicação da estória, principalmente pelo fato de serpentes serem surdas e no conto o Dr. Roylott assobiava para chamar a atenção de sua “cobra de estimação”. Dessa forma, como solução tradutória para o termo *swamp adder* segui a seguinte linha de raciocínio: *Adder* pode ser traduzido como *cobra*, *serpente* ou *víbora*; escolhi o termo *víbora* por ser aquele usado para denominar necessariamente um ofídio venenoso (o que é o caso na estória). As *cobras e serpentes*, por outro lado, podem ser ofídios venenosos ou não-venenosos. Para o termo *swamp* optei pela tradução literal: *pântano*. Então *víbora do pântano* foi o termo final em português.

4.2. Adição de termos no texto de chegada

Em alguns momentos do processo tradutório achei necessário realizar a adição de alguns termos e/ou expressões para melhor compreensão do texto e fluidez na leitura. Exemplos extraídos do conto:

Texto de partida:

“Then we shall both come. What are you going to do yourself?” (p.197)

Texto de chegada:

– *Então ambos iremos. O que a senhorita fará agora?* (p.34)

Neste exemplo houve a adição do termo *agora* e omissão do termo *yourself*.

Texto de partida:

[...] in which Miss Stoner was now sleeping, and in which her sister met her fate.

[...] (p. 204)

Texto de chegada:

[...] aquele em que a senhorita Stoner estava dormindo atualmente e onde sua irmã encontrara seu destino fatídico. [...] (p. 40)

Adicionar o termo *fatídico* traz a idéia de morte, que foi o destino da personagem em questão.

Texto de partida:

“[...] when, with the same trouble, he might have communicated with the outside air” (p.205)

Texto de chegada:

–[...] quando, com o mesmo trabalho, poderia ter feito uma comunicação com o com o ar exterior da casa! (p.41)

A expressão *com o ar exterior* ficaria com sentido incompleto em português.

4.3. Procedimentos Técnicos da Tradução

Para a realização do presente projeto de tradução literária apliquei alguns dos procedimentos técnicos tradutórios descritos por Heloísa G. Barbosa (2004) em sua obra *Procedimentos Técnicos da tradução: uma nova proposta*, mais especificamente no *Capítulo 2 – Modelos de Tradução* e no *Capítulo 3 – Proposta de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução*. Esses capítulos apresentam, descrevem e exemplificam, dentre outros, os procedimentos a seguir:

4.3.1 Tradução palavra por palavra: tradução em que determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso na língua traduzida, mantendo-se as mesmas categorias em uma mesma ordem sintática, e usando vocábulos cuja semântica seja (aproximadamente) idêntica a dos vocábulos correspondentes no texto original. Exemplos extraídos do conto:

Texto de partida:

“[...]My theory certainly presents some difficulties” (p.203)

Texto de chegada:

[...] – Minha teoria certamente apresenta algumas dificuldades. (p. 40)

Texto de partida:

[...]Holmes refused to examine the third chamber, so we passed at once to the second, [...] (p. 204)

Texto de chegada:

[...] Holmes se recusou a examinar o terceiro quarto, então fomos diretamente ao segundo, [...] (p.40)

Texto de partida:

“Very strange!” muttered Holmes, pulling at the rope. [...] (p. 205)

Texto de chegada:

– Muito estranho! – murmurou Holmes, puxando o cordão.[...] (p. 41)

4.3.2 Tradução literal: ocorre quando se mantém uma fidelidade semântica escrita, adequando, porém a morfossintaxe às normas gramaticais da língua traduzida. Exemplos extraídos do conto:

Texto de partida:

It was early in April in the year '83 that I woke one morning to find Sherlock Holmes standing, fully dressed, by the side of my bed [...] (p.187)

Texto de chegada:

Foi no início de abril do ano de 1883 quando acordei uma manhã e encontrei Sherlock Holmes em pé, completamente vestido, ao lado da minha cama.[...](p. 24)

Texto de partida:

“The rest you will leave in our hands” (p.207)

Texto de chegada:

– O resto a senhorita deixará em nossas mãos. (p.44)

Texto de partida:

“The least sound would be fatal to our plans.” (p.210)

Texto de chegada:

– *O menor ruído seria fatal aos nossos planos.* (p.47)

4.3.3 Transposição: consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir. Exemplos extraídos do conto:

Texto de partida:

[...], but her hair was shot with premature grey... (adjetivo) (p.188-189)

Texto de chegada:

[...] ,mas já tinha alguns cabelos prematuramente grisalhos (advérbio) (p.25)

Texto de partida:

At Waterloo we were fortunate in catching a train for Leatherhead, [...] (adjetivo)
(p.201)

Texto de chegada:

Em Waterloo, tivemos a sorte de pegar um trem para Leatherhead, [...]
(substantivo) (p.37)

4.3.4 Modulação: consiste em reproduzir a mensagem do texto original para o texto traduzido sob um ponto de vista diverso, ao refletir uma diferença no modo como as línguas interpretam a experiência do real. Exemplos extraídos do texto:

Texto de partida:

[...];and he, poor fellow, can be of little aid.[...] (p,189)

Texto de chegada:

[...];e ele, pobre coitado, não pode fazer quase nada por mim.[...] (p.26)

A tradução literal da expressão *can be of little aid* – *pode ser de pouca ajuda* – não é uma expressão típica no idioma português, por isso houve a necessidade de modulação da mesma. Exemplo este de modulação facultativa.

Texto de partida:

“[...] *Oh, sir, do you not think you could help me too, and [...]*” (p.189)

Texto de chegada:

– [...] *Ó senhor Holmes, será que o senhor não poderia me ajudar também, [...]* (p.26)

Na frase original há uma negação para o verbo (*not*) *think* (pensar), ao passo que na frase traduzida, foi necessária a transferência da negação para o verbo *could* (não poderia). Exemplo este de modulação facultativa.

Texto de partida:

“*It is evident, therefore, that if both girls had married, this beauty would have had a mere pittance, while even one of them would cripple him to a serious extent. [...]*” (p.200-201)

Texto de chegada:

– [...] *É evidente, portanto, que se ambas as moças tivessem se casado, aquele cidadão ficaria com uma ninharia, e mesmo se só uma se casasse, ele já não ficaria bem de vida. [...]* (p.37)

Texto de partida:

“*And the lady, I fancy, is Miss Stoner“, observed Holmes, shading his eyes. [...]*” (p. 202)

Texto de chegada:

– *E a senhora, se não me engano, trata-se da senhorita Stoner – observou Holmes, fazendo sombra com a mão sobre seus olhos. [...]* (p.38)

A tradução literal de *I fancy* em português seria: *imagino, julgo, creio*; entretanto, nesse caso a modulação para a expressão *se não me engano* se adequou mais ao contexto em questão. (Exemplo de modulação facultativa)

Texto de partida:

“I thought it as well“, said Holmes, [...]” (p. 202)

Texto de chegada:

– Também considerarei – disse Holmes, [...] (p.39)

Texto de partida:

He threw himself down upon his face with his lens in his hand, and crawled swiftly backwards and forwards, [...] (p.204)

Texto de chegada:

Abaixou-se com a face rente ao chão e com a lupa na mão, depois engatinhou rapidamente para frente e para trás, [...] (p.41)

Não se diz em português *para trás e para frente* (tradução literal da expressão inglesa *backwards and forwards*), e sim, *para frente e para trás*. Portanto, este é também um exemplo de modulação obrigatória.

Texto de partida:

“I believe, Mr Holmes, that you have already made up your mind”, said Miss Stoner, laying her hand upon my companion’s sleeve. (p.207)

Texto de chegada:

– *Acho, senhor Holmes, que o senhor já tenha desvendado esse mistério_– disse a senhorita Stoner, apoiando a mão no braço de meu companheiro* (p.47)

Em português costuma-se tocar ou apoiar-se no *braço* de alguém, e não na *manga da camisa (sleeve)* de alguém, como ocorre no texto original. Exemplo este de modulação obrigatória.

Texto de partida:

There was little difficulty in entering the grounds, [...] (p.210)

Texto de chegada:

Não houve grande dificuldade em entrar no terreno da propriedade [...] (p.47)

Exemplo este de modulação facultativa.

- 4.3.5 Equivalência:** consiste em substituir um segmento do texto de partida por outro segmento do texto de chegada que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente. Exemplos extraídos do conto:

Texto de partida:

*[...]Ha! I am glad to see that Mrs Hudson has had the good sense to **light the fire** [...]* (p.188)

Texto de chegada:

– *[...]Ah! Estou contente de ver que a senhorita Hudson teve o bom senso de **acender a lareira** [...]* (p.25)

É mais comum se dizer em português *acender o fogão, o forno, a lareira*, etc., como tradução para **light the fire**, e não *acender o fogo* (tradução literal).

Texto de partida:

"Alas!" replied our visitor. [...] (p.190)

Texto de chegada:

– *Meu Deus! – Respondeu nossa visitante.* [...] (p.27)

A expressão **Alas!**, que exprime exclamação de pesar, tristeza e preocupação, pode ser traduzida por *Ai de mim!* ou ainda *Meu Deus!* Escolhi a segunda opção por ser a mais funcionalmente equivalente à fala da personagem Helen no momento em que ela a proferiu.

Texto de partida:

"I am all attention". (p.190)

Texto de chegada:

– *Sou todo ouvidos.* (p.27)

Texto de partida:

[...]Five little livid spots, the marks of four fingers and a thumb, were printed upon the white wrist. (p.197)

Texto de chegada:

[...]Cinco pequenas manchas lívidas, as marcas de cinco dedos estavam estampadas sobre seu pulso alvo. (p.33)

Não se costuma fazer referência em português aos cinco dedos de uma mão como *quatro dedos e um polegar* (tradução literal da expressão *four fingers and a thumb*)

Texto de partida:

"[...] We have a housekeeper now, but she is old and foolish, and I could easily get her out of the way. (p.197)

Texto de chegada:

–*[...] Temos uma governanta agora, mas ela é velha e tola, e eu poderia facilmente desviar sua atenção.* (p.34)

A tradução literal da expressão ***get her out of the way*** seria *tirá-la do caminho*; entretanto, tal tradução não expressa o que a personagem quis dizer. Assim, foi necessária a utilização de uma expressão funcionalmente equivalente, neste caso: *desviar a sua atenção*.

Texto de partida:

[...]'"But what, in the name of the devil!" (p.199)

Texto de chegada:

– *[...] Mas o que diabos é isso!* (p.35)

Texto de partida:

“[...] I will do nothing of the kind. My stepdaughter has been here.[...]” (p.199)

Texto de chegada:

– [...] Nada disso. Minha enteada esteve aqui. [...] (p.36)

Texto de partida:

“See that you keep yourself out of my grip”, He snarled, and hurling the twisted poker into the fireplace, he strode out of the room. (p.200)

Texto de chegada:

– Mantenha-se fora do meu alcance – rosnou e, atirando o atizador retorcido na lareira, saiu rapidamente da sala. (p.36)

Texto de partida:

“I believe, Mr Holmes, that you have already made up your mind”, said Miss Stoner, laying her hand upon my companion’s sleeve. (p.207)

Texto de chegada:

– Acho, senhor Holmes, que o senhor já tenha desvendado esse mistério – disse a senhorita Stoner, apoiando a mão no braço de meu companheiro (p.47)

O equivalente a *that you have already made up your mind* em português seria: *que você já tenha se decidido*; porém, no contexto essa equivalência não reflete o que o personagem quis dizer ao proferir tal expressão, por isso optei pela frase *desvendado esse mistério*, a qual é funcionalmente equivalente e de fato expressa a fala do personagem.

- 4.3.6 Omissão:** consiste em omitir elementos do texto original que, do ponto de vista da língua do texto traduzido, são desnecessários ou excessivamente repetitivos. Exemplos extraídos do conto:

Texto de partida:

[...] he beat his native butler to death, and [...] (p.191)

Texto de chegada:

[...]ele bateu em seu mordomo até a morte [...] (p.28)

Seria possível eu ter optado pela tradução literal da expressão *native butler*, ou seja, *mordomo nativo*, porém optei pela omissão do termo *native* (*nativo*) pelo fato de sua função semântica não fazer falta ao contexto e a frase ter mais fluidez sem o mesmo.

Texto de partida:

Last week he hurled the local blacksmith over a parapet into a stream and [...] (p.192)

Texto de chegada:

Na semana passada ele atirou o ferreiro da vila dentro de um riacho e [...] (p.28)

Não seria necessário dizer que ele jogou o ferreiro por sobre o parapeito e dentro do rio. Assim como também ocorreu com outros exemplos, a omissão neste caso gerou maior fluidez ao texto.

Texto de partida:

“Ah, and what did you gather from this allusion to a band – a speckled band ” (p.196)

Texto de chegada:

– E o que a senhorita deduz com relação a alusão à faixa – a faixa pintada? (p.32)

A omissão da interjeição *Ah* deixou a fala do personagem mais fluida.

Texto de partida:

“ [...]Imagine, then, my thrill of terror when last night, as I lay awake, thinking over her terrible fate, e [...]” (p. 196)

Texto de chegada:

– [...]Imagine, dessa forma, o meu grande desespero quando na noite passada, enquanto eu estava deitada pensando em seu terrível destino, e [...] (p.33)

A personagem estar pensando enquanto deitada já faz referência ao fato dela estar acordada.

Texto de partida:

“ *Then we shall both come. What are you going to do yourself?*” (p.197)

Texto de chegada:

– *Então ambos iremos. O que a senhorita fará agora?* (p.34)

O pronome reflexivo inglês *yourself* não usado no português nesse contexto.

Texto de partida:

[...] *A large face, seared with thousand wrinkles, burned yellow with the sun, and marked with every evil passion,* [...] (p.199)

Texto de chegada:

[...] *Um rosto largo cheio de rugas, coberto por milhares de rugas e queimado de sol e marcado por uma raiva demoníaca,* [...] (p.35)

Em português não é comum dizer que alguém ficou *amarelo* (*yellow*) de sol.

Texto de partida:

“ *It goes with the housekeeper’s room*” (p.204)

Texto de chegada:

– *Com o quarto da governanta.* (p.41)

A escolha da omissão de *it goes* deve-se ao fato de gerar maior fluidez ao texto do que a opção de uma tradução equivalente como: “(A campainha) dá para o quarto da governanta”, a qual seria muito informal.

Texto de partida:

[...], clad in a long grey dressing-gown, his bare ankles protruding beneath, and his feet thrust into red heelless Turkish slippers. [...] (p.212)

Texto de chegada:

[...], vestido em um longo roupão cinzento, com os tornozelos nus expostos e os pés metidos em um par de chinelos vermelhos. [...] (p.49)

Retirei o termo *heelless* pois chinelo na cultura brasileira não trás marca de salto.

- 4.3.7 Explicitação:** consiste no procedimento inverso ao da omissão, ou seja, elementos não presentes no texto original são acrescentados ao texto traduzido. Exemplos extraídos do conto:

Texto de partida:

[...] Instead of making friends and exchanging visits with our neighbours, who had at first been overjoyed to see a Roylott of Stoke Moran back in the old family seat, reached Leatherhead, [...] (p.191)

Texto de chegada:

[...]Ao invés de fazer amizades e visitar nossos vizinhos, que a princípio ficaram muito contentes em ver um membro da família Roylott de Stoke Moran de volta ao comando da família, [...] (p.28)

Texto de partida:

“This, I take it, belongs to the room in which you used to sleep, [...]” (p.203)

Texto de chegada:

– Presumo que esta seja a janela do quarto em que a senhorita costumava dormir, [...] (p.40)

Texto de partida:

“Yes, that is the Crown” (p.207)

Texto de chegada:

– *Sim, é a Hospedaria Crown.* (p. 44)

Optei por padronizar o texto colocando o termo Hospedaria toda vez que apareceu o nome próprio deste local (*Crown*).

Texto de partida:

[...], clad in a long grey dressing-gown, his bare ankles protruding beneath, and his feet thrust into red heelless Turkish slippers. [...] (p.212)

Texto de chegada:

[...], vestido em um longo roupão cinzento, com os tornozelos nus expostos e os pés metidos em um par de chinelos vermelhos. [...] (p.49)

É mais usual no português referir-se a “um par de chinelos” do que simplesmente a “chinelos”.

4.3.8 Transliteração: é a forma do procedimento de transferência onde uma conversão gráfica encontrada no texto original é substituída por outra no texto traduzido.

Todas as falas dos personagens, que se encontram entre aspas no texto de partida redigido no idioma inglês passaram a receber um travessão, em substituição as aspas, no texto de chegada – forma esta usual em textos literários no idioma português quando da introdução de diálogos entre personagens.

- Exemplo de substituição de ponto de interrogação por ponto final:

Texto de partida:

“Your sister asked for it, I suppose?” (p.204)

Texto de chegada:

– *Foi sua irmã que o solicitou por ele, suponho.* (p.41)

- Exemplo de substituição de ponto e vírgula por ponto final:

Texto de partida:

“[...] living the horrible life of an aristocratic pauper; but.[...] (p.190)

Texto de chegada:

– [...]levando a horrível vida de um paupérrimo aristocrata. Contudo, [...] (p.27)

- Exemplo de substituição de travessão por ponto final:

Texto de partida:

“[...] Shortly after our return to England my mother died — she was killed eight years ago in a railway accident near Crewe.[...] (p.191)

Texto de chegada:

– [...]Minha mãe faleceu assim que voltou para a Inglaterra. Ela havia sido morta oito anos atrás em um acidente na estrada de ferro perto de Crewe. (p.28)

4.3.9 Reconstrução de períodos: consiste em redividir ou reagrupar os períodos e orações do texto original ao passá-los para o texto traduzido. Exemplo extraído do conto:

Texto de partida:

“[...] This incident gives zest to our investigation, however, and I only trust that our little friend will not suffer from her imprudence in allowing this brute to trace her. [...]” (p.200)

Texto de chegada:

– [...] Contudo, esse incidente dá mais sabor à nossa pequena investigação. Só espero que nossa amiguinha não venha a sofrer por sua imprudência em se deixar seguir por esse bruto. [...]” (p.37)

Muitas vezes períodos mais curtos se adéquam mais e facilitam a leitura. Este foi o caso neste exemplo.

Além dos processos tradutórios supracitados, a leitura de textos paralelos também auxiliou no processo tradutório, à medida que me ajudou a elucidar alguns termos e expressões não encontradas em dicionários; ou ainda em situações de difícil decisão com relação à escolha de uma dentre duas ou mais possibilidades tradutórias para um dado morfema ou sintagma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto do presente trabalho foi a tradução do conto “A Faixa Pintada” (*The Speckled Band*), parte integrante da obra literária “*The Adventures of Sherlock Holmes*” escrita por Sir Arthur Conan Doyle, em 1892. A escolha do referido texto literário se deu, além do meu interesse pessoal pelo estilo literário de Sir Doyle, principalmente em vista dos variados exemplos de desafios de tradução encontrados. Exemplos estes decorrentes do fato de a obra ter sido escrita no fim do século XIX e início do século XX, isto é, em uma época cujos estilos culturais e linguísticos eram bastante distintos daqueles encontrados nos dias atuais.

Existem inúmeros fatores intrínsecos aos textos literários e outros externos aos mesmos que, em conjunto influenciam de forma direta e indireta no processo tradutório. Todos esses fatores devem sempre ser levados em consideração ao se trabalhar com este tipo textual. Dessa maneira, no decorrer do processo tradutório desse conto foram apresentados aspectos teóricos e metodológicos que respaldam a prática de tradução de textos literários à luz de tais fatores.

Entre tais aspectos, posso ressaltar sobremaneira os procedimentos de *estrangeirização*, *adequação* e *aceitabilidade* e a importância dos mesmos no processo tradutório, a identificação da abordagem tradutória e a necessidade de uma descrição literária detalhada para uma melhor análise tradutória.

Para a realização do relatório de tradução tomei por base principalmente os procedimentos técnicos de tradução abordados por Heloisa Barbosa (2004) em sua obra de igual nome. Assim, extraí diversos exemplos (termos e expressões) do texto de partida (o conto supracitado) que se encaixaram perfeitamente nos conceitos propostos por essa autora, e dessa maneira, serviram de justificativas tradutórias. Acrescentei à tradução ainda ilustrações e notas explicativas concernentes às localizações geográficas, animais exóticos e contextos históricos presentes na estória.

Como principal desafio referente ao processo tradutório julgo terem sido as diferenças quanto às referências culturais existentes no idioma de partida e suas possíveis equivalências no idioma de chegada. Em vista disso, teci como principal objetivo desse

trabalho propor uma tradução mais fluente e equivalente possível, aproximando o leitor brasileiro à experiência de uma literatura inglesa de época e de outra cultura.

Por fim, com a experiência de elaboração desse trabalho acadêmico de conclusão de curso pude rever e colocar em prática diversos conceitos de teorias da tradução estudados no decorrer do curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Ana Lucia Segadas Vianna. **Pollyanna: domesticação e estrangeirização na tradução de Monteiro Lobato**. Cadernos do CNLF, vol.XIV, no.2, t.2. Disponível em http://www.filologia.org.br/xiv_cnlftomo_2/1543-1554.pdf. Acesso em: 13/11/2011.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas: Ed. Pontes, 2004.

CAMARGO, Diva Cardoso. **Tradução e tipologia textual**. 2007. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/rtcom/article/viewFile/133/132>. Acesso em 10 de outubro de 2011.

CHAMBERS – MARTINS FONTEDS. **Essential English Dictionary**. 1a ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1999.

COLLINS – COBUILD. **Advanced Learner's English Dictionary**, 4th edition, Great Britain: HaperCollins Publishers, 2004.

DOYLE, Sir Arthur Conan Doyle. **The Adventures of Sherlock Holmes**. Wheaton, Illinois, EUA: Ed. Barnes & Noble Inc.: 1995.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polisystem Studies in Poetics Today*: 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, 4ª ed., Curitiba, Ed. Positivo, 2009.

KRESS, Gunther, VAN LEEUWEN, Theo **Reading images: the grammar of visual design**. Oxford and New York: Routledge, 1996

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. **On describing translations” in The Manipulation of Literature**. Edited by Theo Hermans, St. Martin´s Press: New York, 1984.

LEFEVERE, André. **The system: patronage in Translation Rewriting & the Manipulation of Literary Fame”**. Routledge Press: London and New York: 1992.

LYRA, Regina Maria de Oliveira Tavares. **Explicar é preciso? Notas do tradutor: quando, como e onde**. Fragmentos, volume 8, nº 1, p. 73/87 Florianópolis, jul – dez, 1998. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/6039/5609>. Acesso em 11/11/2011

MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto. **Tradução e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro, Ed. Lucerna, 1999.

MICHAELIS – **Moderno dicionário inglês-português, português-inglês**. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 2000.

OXFORD – **Advanced Learner's Dictionary of Current English**. Oxford, Oxford University Press, 1987.

OXFORD – **Learner's Thesaurus: a dictionary of synonyms**. Oxford, Oxford University Press, 2008.

PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fabio. Traduzir com autonomia. São Paulo: Contexto, 2000.

TOURY, Gideon. *The nature and role of norms in Translations*” in “*Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam-Philadelphia. John Benjamins: 1995.

Sites da Internet:

<http://www.sherlockbrasil.com/> Acesso em: 07/09/2011

http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Adventure_of_the_Speckled_Band Acesso em: 07/09/2011

<http://mundosherlock.googlepages.com/arthurconandoyle-afaixamalhada> 07/09/2011

http://en.wikipedia.org/wiki/The_Adventure_of_the_Speckled_Band Acesso em 10/11/2011

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Guepardo> Acesso em 10/11/2011

<http://en.wikipedia.org/wiki/Cheetah> Acesso em 10/11/2011

http://sherlockholmes.stanford.edu/print_issue2.html Acesso em 10/11/2011

<http://www.mlncn.com/lib/holmes/place/misc.html> Acesso em 10/11/2011

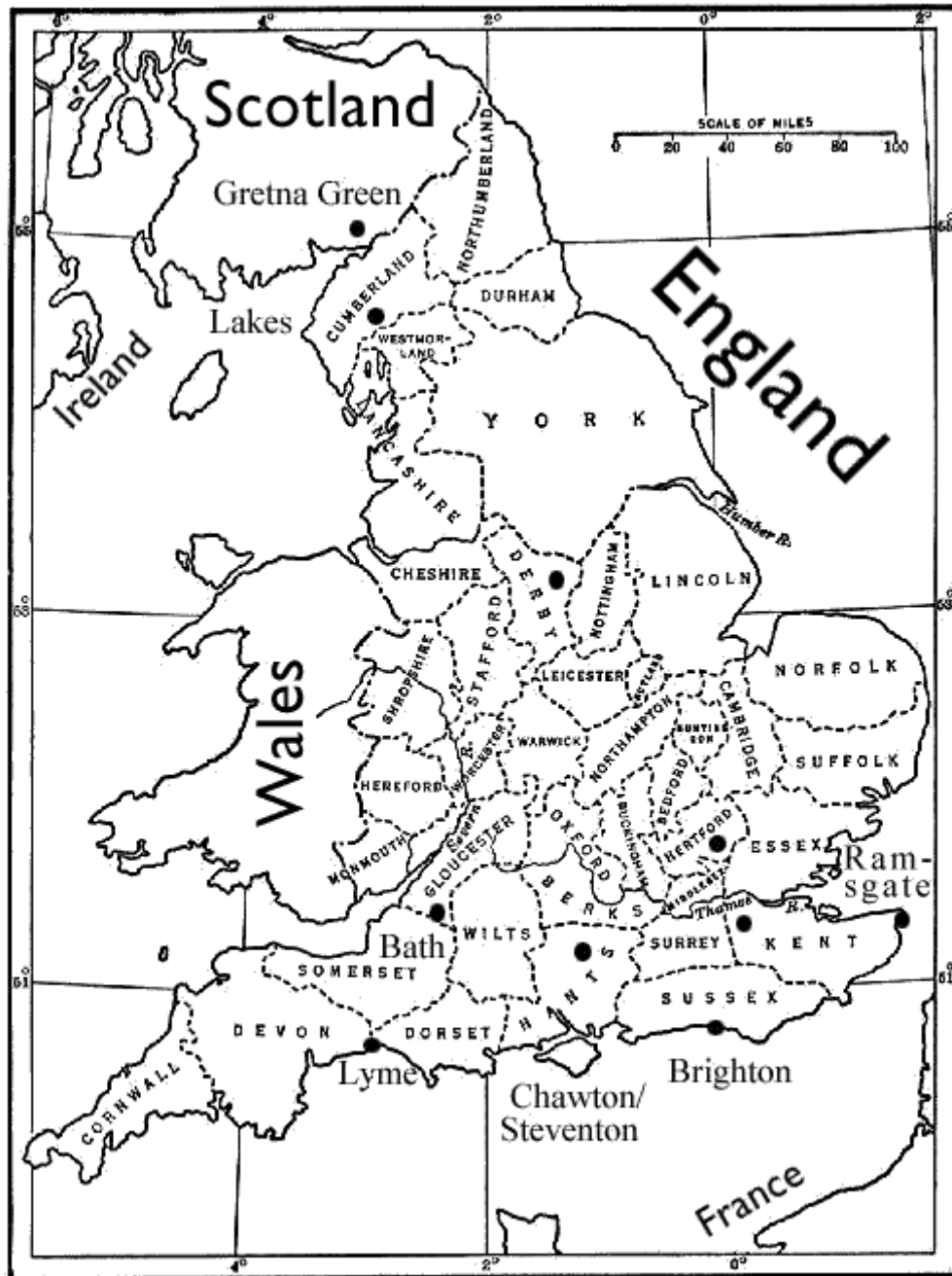
ANEXO A

TEXTO DE PARTIDA

The Speckled Band

ANEXO B

Mapa dos Condados do Reino Unido



THE COUNTIES OF ENGLAND